EXCLUSIVO IBRE/FGV E IPEA APONTAM MAIOR DEPENDÊNCIA DO BOLSA FAMÍLIA

Sem maior capacitação de mão de obra, o número de brasileiros que precisam receber o auxílio deve dobrar até 2030, chegando a 7,3% da população

A NOVA ERA DA IBM NO BRASIL

"O mercado brasileiro entra na fase de maturidade para o uso de IA"

MARCELO BRAGA presidente da IBM Brasil

Gigante de tecnologia aposta em soluções embarcadas com Inteligência Artificial, nuvem híbrida e computação quântica para continuar liderando transformações no mundo. No Brasil, a companhia expande negócios na área financeira e no varejo, junto a empresas públicas e privadas

Você faz tudo pelo app.
Empréstimo, investimentos,
consórcio e muito mais.
Só não faz ippon.
Bia Souza
Atleta
multicampeã
FACILITA com o
BRADESCO
Saiba mais.

Daniel Sousa
Ex-atleta
e marido da Bia
Saiba mais em banco.bradesco/facilita
bradesco

RIOS VAZIOS E ANCORAGEM DAS EXPECTATIVAS

O governo comemorou, com razão, o resultado do IPCA de agosto, divulgado na última terça-feira (10). Os preços caíram 0,02%, na primeira deflação do ano. Isso alivia o questionamento sobre o risco inflacionário, já que o índice nos últimos 12 meses diminuiu para 4,24%, abaixo do teto previsto (mas acima da meta de 3%). Mesmo assim, é pouco provável que isso reverta um novo ciclo de altas da Selic, que pode ser confirmado na próxima reunião do Copom, que ocorrerá na terça e quarta (dias 17 e 18). Isso porque a pressão inflacionária permanece.

As previsões mais cautelosas de economistas e instituições têm sido desmentidas ao longo do ano, é fato. Já é quase consenso que a economia brasileira pode crescer até 3% este ano, um índice contrastante com a maioria dos países desenvolvidos e bem acima do previsto inicialmente. A transição na presidência do Banco Central, que foi adiantada em quase seis meses com a indicação de Gabriel Galípolo, um nome alinhado ao PT mas que também tem credibilidade junto ao mercado financeiro, ajudou igualmente a desanuviar o ambiente. Foi um "pouso suave", por assim dizer, numa sucessão que parecia caminhar para um desastre de grandes proporções.

O otimismo com a economia não pode deixar de levar em conta uma necessária cautela. Os juros em patamares elevados também são uma consequência da insegurança com a política fiscal. O governo ainda não inspira confiança no rigor com as contas públicas, o que foi reafirmado com o projeto de Orçamento de 2025 enviado em agosto, que superestimou receitas e subestimou problemas em formação. As dúvidas sobre o cumprimento da meta fiscal mobilizaram até um aliado do governo, o presidente do TCU, Bruno Dantas, que receberia a equipe econômica na quarta-feira (11) para checar o andamento das contas até o final do ano. E há mais dificuldades no horizonte.

As nuvens que passam a turvar o futuro, agora, são causadas pelas queimadas que empesteiam o ambiente. O desastre climático causado pelos eventos extremos já era previsto por quase todos os especialistas, mas pouco foi feito para reverter a tragédia ou mesmo prevenir suas consequências. A criação tardia de uma Autoridade Climática, anunciada por Lula e seus ministros, em Manaus, não foi uma demonstração de proatividade, mas o reconhecimento de que as autoridades estão a reboque do problema.

Ao contrário do efeito limitado da catástrofe das chuvas no Rio Grande do Sul para frear o PIB, o fogo em boa parte do território nacional e as secas que avançam até a bacia amazônica podem gerar um impacto considerável. Terão desdobramentos na produção agrícola e no preço dos alimentos. Além disso, prenunciam uma crise hídrica, o que vai aumentar o custo da energia. A Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) decretou a bandeira vermelha na conta de luz em setembro. É uma reversão para um dos vetores de queda da inflação, já que a energia elétrica residencial sozinha teve a principal contribuição negativa para o IPCA de agosto. Além das queimadas e da estiagem, os "jabutis" que estão sendo acrescentados na legislação na área energética prometem transferir para o consumidor o ônus de investimentos bilionários muitas vezes injustificados. A tragédia gaúcha parece ficar cada vez mais no passado. Mas outra bem maior pode estar a caminho.

Marcos Strecker
Diretor de núcleo

FOTOS: MICHAEL DANTAS | SILVIA COSTANTI / VALOR /FOLHAPRESS | JUSTIN SULLIVAN | SILVIA ZAMBONI

Índice

CAPA

CAPA Foto: Silvia Zamboni

ATIVIDADE ECONÔMICA

SERVIÇOS SURPREENDEM E HADDAD JÁ FALA EM PIB ACIMA DE 3%

Diz o ditado que cautela e canja de galinha não fazem mal a ninguém, mas essa não parece ser a retórica adotada pela equipe econômica do governo Lula. Após o bom resultado do PIB no segundo trimestre, contrariando as expectativas do mercado, mais um dado reforçou o otimismo do ministro da Fazenda, Fernando Haddad. O incremento de 1,2% no volume de serviços prestados em julho, na comparação mensal e de 4,3% no recorte anual, segundo o IBGE. "O Brasil não vai crescer menos de 3% em 2024", disse o ministro. De acordo com ele, o incremento acima da média este ano será fortalecido ano que vem com mais políticas para revisão de gastos e controle fiscal. "O Ministério da Fazenda não pode ser contra nenhum tipo de gasto, nenhum tipo de subvenção. O Ministério da Fazenda é contra o desper-

KAMALA X TRUMP

Perdeu o debate? Aqui um resumo!

Trump

O ex-presidente concentrou-se em temas como imigração e segurança internacional, argumentando que sua presidência seria crucial para evitar uma "terceira guerra mundial". No entanto, analistas apontaram que Trump não aproveitou suficientemente os problemas econômicos enfrentados pelos Estados Unidos, um campo potencialmente favorável para sua campanha.

Kamala Harris:

A vice-presidente Kamala Harris conseguiu apresentar propostas concretas, como um desconto de US$ 5 mil dólares em impostos para famílias com primeiro filho e US$ 25 mil para quem vai comprar a primeira casa. Ela também abordou temas sensíveis como o aborto, trazendo casos humanos e responsabilizando Trump e a Corte Suprema pelas restrições impostas em mais de 20 estados.

227,4 milhões

DE MOVIMENTAÇÕES FORAM FEITAS VIA PIX EM UM ÚNICO DIA, UM RECORDE, DISSE O BANCO CENTRAL

R$ 108,4 bilhões

FOI O VALOR ATINGIDO EM TRANSAÇÕES VIA PIX NA SEGUNDA-FEIRA (9), RECORDE PARA UM DIA

R$ 17,18 trilhões

FOI O VALOR TOTAL TRANSACIONADO AO LONGO DE 2023 VIA A MODALIDADE DE PAGAMENTO

MINISTÉRIO DOS DIREITOS HUMANOS

Lula coloca Macaé Evaristo no lugar de Silvio Almeida

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva escolheu na segunda-feira (9) a deputada estadual de Minas Gerais Macaé Evaristo (PT) como sucessora de Silvio Almeida no Ministério dos Direitos Humanos e Cidadania. A posse deve acontecer na semana do dia 16, mas o nome da deputada já era cotado para atender, inclusive, a demanda da base aliada governista. "Recebi um convite muito afetivo do presidente Lula, que diz conhecer minha trajetória de luta pelos direitos humanos e antirracista", afirmou a nova ministra. Silvio Almeida foi demitido na sexta-feira (6) após virem à público denúncias de assédio sexual contra o então ministro. Almeida nega as acusações. Prima da escritora Conceição Evaristo, a nova ministra é professora desde os 19 anos, graduada em Serviço Social, mestre e doutoranda em educação.

FOTOS: MARCELO CAMARGO/AGÊNCIA BRASIL I RICARDO STUCKERT / PR I DIVULGAÇÃO

dício, isso nós somos." Se a fala do ministro vai se comprovar ou não, é uma questão de tempo. Mas uma coisa já é fato: O setor de serviços se encontra 15,4% acima do nível de fevereiro de 2020 (pré-pandemia) e renovou o ponto mais alto da sua série.

INVESTIMENTO

Governo quer mais tecnologia (e quem vai pagar a conta?)

A promessa do governo Lula de ampliar investimentos para colocar o Brasil na rota do desenvolvimento tecnológico começou a sair do papel. Na quarta-feira, o governo federal anunciou investimentos de R$ 186,6 bilhões, até 2035, entre investimento público e privado, para desenvolver a transformação digital da indústria, em áreas como internet das coisas, inteligência artificial e big data. O plano é que, do total, R$ 85,7 bilhões virá do setor produtivo. O setor público já destinou R$ 42,2 bilhões e planeja direcionar mais R$ 58,7 bilhões. Segundo o vice-presidente, Geraldo Alckmin, esses R$ 58,7 bilhões serão ofertados em forma de crédito — sendo uma pequena parte não reembolsável (ou seja, sem expectativa de devolução). Apelidada de Missão 4 da NIB, tem como meta transformar digitalmente 50% das empresas industriais brasileiras até 2033, com meta intermediária de 25% em 2026. O BNDES anunciou uma linha de crédito específica para investimento em data centers no País, com orçamento de R$ 2 bilhões. Para projetos nas regiões Norte e Nordeste, a taxa de juros é a partir de 6,13%. Demais regiões, a taxa começa em 8,5%.

"NÓS JÁ ANUNCIAMOS QUE COMEÇAMOS UM TRABALHO DE OLHAR PARA O LADO DA DESPESA, PARA ESSA QUALIDADE DO GASTO, QUE VAI SER O FOCO DA AGENDA DE 2025"

ROGÉRIO CERON,
Secretário do Tesouro

FUNDADOR: DOMINGO ALZUGARAY (1932 - 2017)
EDITORA CATIA ALZUGARAY
PRESIDENTE-EXECUTIVO CACO ALZUGARAY

DIRETOR EDITORIAL CARLOS JOSÉ MARQUES
DIRETOR DE NÚCLEO MARCOS STRECKER
REDATOR-CHEFE HUGO CILO
EDITORES: Alexandre Inacio, Beto Silva e Paula Cristina
REPORTAGEM: Aline Almeida, Allan Ravagnani, Jaqueline Mendes e Letícia Franco

ARTE
DIRETOR DE ARTE: Jefferson Barbato
DESIGNERS: Christiane Pinho e Iara Spina
ILUSTRAÇÃO: Fabio X
PROJETO GRÁFICO: Ricardo van Steen (colaborou Bruno Pugens)

ISTOÉ DINHEIRO ON-LINE
EDITOR EXECUTIVO: Airton Seligman
WEB DESIGNER: Alinne Nascimento Souza

APOIO ADMINISTRATIVO
Gerente: Maria Amélia Scarcello
Assistente: Cláudio Monteiro

MERCADO LEITOR E LOGÍSTICA
Diretor: Edgardo A. Zabala

Central de Atendimento ao Assinante: (11) 3618-4566 de 2ª a 6ª feira 10h às 16h20, sábado 9h às 15h.
Outras Capitais: 4002-7334
Outras Localidades: 0800-888-2111 (exceto ligações de celulares)
Assine: www.assine3.com.br
Exemplar avulso: www.shopping3.com.br

PUBLICIDADE - Contato: publicidade1@editora3.com.br

Diretora de Publicidade: Débora Liotti - deboraliotti@editora3.com.br; **Gerente de Publicidade:** Fernando Siqueira - Publicidade1@editora3.com.br; **Secretária da diretoria de publicidade:** Regina Oliveira - reginaoliveira@editora3.com.br; **Diretor de Arte:** Pedro Roberto de Oliveira - **Contato:** publicidade@editora3.com.br

ARACAJU – SE: Pedro Amarante · Gabinete de Mídia · Tel.: (79) 3246-4139 / 99978-8962 – **BELÉM – PA:** Glícia Diocesano · Dandara Representações · Tel.: (91) 3242-3367 / 98125-2751 – **BELO HORIZONTE – MG:** Célia Maria de Oliveira · 1a Página Publicidade Ltda. · Tel./fax: (31) 3291-6751 / 99983-1783 –**FORTALEZA – CE:** Leonardo Holanda – Nordeste MKT Empresarial – Tel.: (85) 98832-2367 / 3038-2038 – **GOIÂNIA –GO:** Paula Centini de Faria – Centini Comunicação – Tel. (62) 3624-5570/ (62) 99221-5575 – **PORTO ALEGRE – RS:** Roberto Gianoni, Lucas Pontes · RR Gianoni Comércio & Representações Ltda · Tel./fax: (51) 3388-7712/ 99309-1626

Dinheiro (ISSN 1414-7645) é uma publicação semanal da Três Editorial Ltda.
Redação e administração: Rua William Speers, nº 1.088, São Paulo-SP, CEP: 05067-900. Tel.: 11 3618 4200 ·
Dinheiro não se responsabiliza por conceitos emitidos nos artigos assinados.
Comercialização e Distribuição: Três Comércio de Publicações Ltda. Rua William Speers, 1212 – São Paulo-SP.
Impressão e acabamento: D'ARTHY Editora e Gráfica Ltda. Rua Osasco, 1086 - Guaturinho, CEP 07750-000 Cajamar - SP

A VOLTA DOS EVENTÕES EM FERNANDO DE NORONHA

A retomada do turismo de negócios está impulsionando os novos acordos da Cheers Travel, uma das maiores no setor. A empresa está abrindo uma unidade em Fernando de Noronha, um dos mais cobiçados cartões postais do País. A unidade será inaugurada por meio de parceria inédita com o Forte de Nossa Senhora dos Remédios (mais conhecido como Forte Noronha) para a realização de megaeventos corporativos. A fortaleza, construída no século 18, está sobre o ancoradouro na baía de Santo Antônio e é tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico Nacional (Iphan), com 6.300 m2 e está a 45 metros acima do nível do mar. O tradicional ponto turístico da ilha conta com museus interativos a céu aberto, auditório e sala multifuncional, restaurante, bar e mirante. "Queremos oferecer toda a nossa experiência de mais de uma década realizando celebrações e convenções no Caribe, para Fernando de Noronha", disse **Henrico Carlo**, sócio e diretor da Cheers Travel e da Cheers Corp. "Na bagagem, trazemos uma profunda expertise, tanto no planejamento quanto na execução dos eventos que produzimos. Da organização ao traslado e acomodação dos participantes, nossos serviços são de classe internacional", afirmou. Essa parceria vai ao encontro dos expressivos resultados que o setor de eventos corporativos pós-pandemia. De acordo com dados divulgados pela Associação Brasileira de Agências de Viagens Corporativas (Abracorp), em março deste ano o setor viagens corporativas faturou R$ 1,2 bilhão, chegando a R$ 3,3 bilhões no primeiro trimestre do ano, acima do mesmo período de 2019 (antes da Covid), com R$ 2,5 bilhões.

OMNI MIRA R$ 10 BILHÕES

A Omni, tradicional marca no segmento de financiamento de automóveis, vai acelerar sua expansão com investimentos em novos pontos físicos. Além de aumentar o número de agentes, que são seus correspondentes bancá-

GESTÃO DE R$ 1 BILHÃO E CRESCIMENTO DE 700%

A Rubik Capital, a gestora independente de recursos acaba de alcançar a marca de R$ 1 bilhão sob gestão com serviços de Asset Management, Wealth Management, Multi Family Office, investimentos em offshores e consultoria corporativa. Segundo o CEO **Cassio Zeni**, no atual ritmo de crescimento a empresa vai crescer 700% em cinco anos, com R$ 8 bilhões sob custódia. "Hoje vemos uma insatisfação com rebates, produtos ilíquidos, investimentos que não se alinham às aspirações e gestões de patrimônios com um alto conflito de interesses", afirmou.

FINTECH DO SUBPRIME CHEGA AO BRASIL

Especializada em análise de crédito para os clientes de alto risco, que nos EUA são 90 milhões de pessoas classificadas como subprime, a techfin Oneblinc está desembarcando no Brasil. Através dos dados do e-Gov, a tecnologia permitirá

FOTOS: EDU VIANA | DIVULGAÇÃO

rios exclusivos (atualmente 130, com a previsão de atingir quase 170 até o final de 2028), a empresa projeta dobrar sua carteira de crédito nos próximos quatro anos, alcançando a marca de R$ 10 bilhões em todas as operações. De acordo com o CEO da Omni, **Heverton Peixoto**, as perspectivas para atingir essa meta são promissoras. O desempenho foi recorde em julho, com R$ 4,7 bilhões e alta de 12%.

averiguar informações sobre renda e histórico de empregos ao longo de toda carreira de 45 milhões de brasileiros. Com isso, poderá incluir pessoas no mercado de crédito. Segundo o CEO **Fábio Torelli**, a expectativa é chegar à marca de 5 milhões de conexões por mês no mercado brasileiro em dois anos. "Como estamos no começo, estipulamos uma meta que acreditávamos ser bem real. Mas percebemos que este número terá de ser revisado em breve", afirmou.

BELEZA QUE HÁ NAS **PARCERIAS**

A rede Posê Beleza, especializada em serviços de estética e bem-estar, deve dobrar seu faturamento neste ano, passando de R$ 30 milhões. Isso porque o ritmo de crescimento está superaquecido, segundo a CEO da empresa, **Karla Lima**. Apenas em julho, a receita disparou 23%, graças a parcerias com grandes empresas. "Estamos reforçando colaborações com marcas como Ambev, Audi e Samsung para diversificar nossas ofertas e ampliar o alcance da marca," afirmou. Essas parcerias, segundo ela, vão além do mercado tradicional de beleza, integrando experiências que envolvem bem-estar, lifestyle e tecnologia, o que atrai novos públicos e fortalece a presença da marca nas mídias sociais.

MEU ATENDENTE É UM ROBÔ

A Infobip, multinacional croata de comunicações em nuvem, mapeou o comportamento dos consumidores brasileiros em relação ao atendimento das empresas por canais digitais. Confira os principais resultados do estudo:

O QUE DIZEM OS CONSUMIDORES?

- conectam mais com empresas que oferecem atendimento digital — 86%
- afirmam que não se importam de interagir com um chatbots (robôs) — 78%
- contam que gostam de conversar com os assistentes virtuais — 43%
- dizem que os robôs têm dificuldade de entender o contexto do problema — 53%
- citaram a dificuldade em oferecer respostas precisas — 43%

OS CANAIS DE COMUNICAÇÃO PREFERIDOS

- dos entrevistados utilizam WhatsApp para contato com as empresas — 86%
- utilizam o e-mail para se comunicar com os consumidores — 78%
- optam pelo uso de chat do site — 43%
- preferem chamadas telefônicas — 53%

Os percentuais ultrapassam 100% porque a mesma pessoa pode utilizar múltiplos canais

Fonte: Infobip

"Mesmo crescendo, seguimos com a anemia de produtividade e a obesidade do setor público"

Ex-vice-presidente do Banco Mundial avalia os riscos da política gastadora de Lula e faz um alerta sobre a possibilidade de os Estados Unidades entrarem em uma lógica tributária semelhante à do Brasil, que penaliza os mais pobres, caso Donald Trump vença as eleições norte-americanas

Jaqueline MENDES

O economista sergipano Otaviano Canuto, ex-vice-presidente do Banco Mundial, ex-diretor do Fundo Monetário Internacional (FMI) para assuntos de América Latina e atual membro sênior do Policy Center for the New South, está há décadas fora do País, mas analisa a economia brasileira quase que em tempo real. Ele se tornou um dos maiores especialistas em Brasil mundo afora com suas análises de quem enxerga o cenário em perspectiva. Mesmo vivendo nos arredores da capital americana, Washigton, nos últimos anos Canuto tem se debruçado nas análises sobre a situação fiscal e econômica do Brasil. Sua mais recente constatação é que, apesar do recente crescimento do PIB, que avançou 1,4% no segundo trimestre, será necessário combater a ineficiência dos gastos para garantir a sustentabilidade desse desempenho. Confira sua entrevista:

DINHEIRO — Qual a sua avaliação sobre as mudanças a caminho no Banco Central, com a saída de Roberto Campos Neto e a potencial entrada de Gabriel Galípolo?

OTAVIANO CANUTO — Não é possível avaliar ainda como será. As projeções de mercado indicam uma alta na Selic nas próximas reuniões, mas a indicação pelo presidente Lula pressupõe uma tendência de cortes dos juros. É esperar para ver.

E sobre a economia brasileira? Como o sr. avalia as medidas do governo Lula e a questão fiscal?

O ministro Fernando Haddad está tentando equilibrar o aumento de gastos públicos com a necessidade de manter a economia em uma trajetória fiscal controlada. Avalio que a trajetória de endividamento não será explosiva, mas a qualidade do gasto público preocupa. Mesmo com o PIB em crescimento, vamos continuar sofrendo com a anemia de produtividade e a obesidade do setor público.

Mas sempre que se discute isso, sobra para a previdência social...

A previdência é um desses casos. Os ganhos para a economia com a última reforma da Previdência já foram perdidos, devolvidos com essa indexação a salários crescendo acima da inflação. A gente precisa de mais ajustes. Hoje já precisamos de mais reformas da previdência.

Você pode explicar melhor essa doença dupla da economia brasileira?

A anemia de produtividade significa que, sem aumento de produtividade, não haverá crescimento econômico sustentável. E a obesidade do setor público significa que o governo gasta muito e gasta mal, com despesas que não contribuem para o crescimento econômico. Precisamos de mais investimentos em infraestrutura e de uma melhor alocação dos recursos públicos. Como disse Paul Krugman, a produtividade não é tudo, mas é quase tudo. A rigor, fora momentos extremamente favoráveis do comércio mundial para exportações, só vamos ter crescimento econômico e de renda per capita com aumento de produtividade. E nessa questão temos registrado desempenho muito ruim nas últimas décadas.

> "Sem aumento da produtividade, não haverá crescimento econômico sustentável. Hoje o governo gasta muito, e gasta mal com despesas que não contribuem com o crescimento econômico"

Então, o problema é tanto a falta de investimento em áreas estratégicas quanto a ineficiência nos gastos?

Exatamente. O Brasil tem um grande volume de gastos públicos, mas a maior parte vai para áreas que não geram retorno econômico. Isso inclui aposentadorias privilegiadas e salários mais altos no setor público em comparação ao setor privado. Precisamos de uma reforma mais profunda para corrigir essas distorções.

Como está o clima aí em Washington com todas essas mudanças a caminho na política americana e na economia? Há um risco real de desaceleração econômica?

Vou começar pelo mais fácil, que é o quadro macroeconômico. Apesar da turbulência no começo do mês, causada pelo desmonte de posições de carry trade [aplicação financeira que consiste em tomar dinheiro a uma taxa de juros em um país e aplicá-lo em outra moeda, onde as taxas de juros são maiores] baseadas no iene e pelos indicadores de emprego abaixo da expectativa, houve um certo pânico sobre a economia americana. Muitos acreditavam que ela já estava em recessão. Isso levou a um ajuste exagerado nos mercados, mas, logo depois, as coisas se acalmaram. A inflação, por exemplo, ainda não chegou à meta de 2%, mas está em declínio.

Então as reações do mercado têm sido exageradas?

Sim, com muito exagero. Tanto que agora os mercados estão prevendo cortes na taxa básica de juros em breve nos Estados Unidos. As atas do Fed sugerem que o ciclo de redução das taxas pode começar já na reunião de setembro, o que deve ser muito bom para o Brasil porque tende a aumentar o fluxo de dólares.

Qual tem sido a influência da política americana nas eleições e na economia? O mercado está mais pró-Trump ou pró-Kamala?

Não creio que o mercado tenha uma preferência clara entre Donald Trump e Kamala Harris. As promessas de ambos, especialmente as de Trump, podem ter impactos diferentes em setores específicos. Por exemplo, se Trump elevar as tarifas de importação como prometeu, isso pode prejudicar o poder de compra dos americanos, especialmente dos mais pobres. Mas ambos os candidatos são simpáticos à ideia de reduzir impostos para aquecer o consumo.

No caso de vitória de Kamala haverá um distensionamento na guerra comercial entre Estados Unidos e China?
Seja qual for o vencedor, a disputa vai continuar, mas de forma mais seletiva. Enquanto Trump busca um descolamento total da China, a abordagem democrata é mais sobre reduzir riscos em áreas estratégicas, como semicondutores e energia limpa.

O sr. mencionou que o cenário econômico global pode ter impactos em diferentes setores nos Estados Unidos. Pode elaborar mais sobre isso, especialmente em relação às promessas de Trump?
Claro. A proposta de Trump de elevar tarifas de importação em 10% para todos os produtos e em 60% para itens vindos da China causaria um impacto negativo. Embora alguns setores possam se beneficiar com o aumento da produção doméstica, as tarifas não serão pagas pelos exportadores estrangeiros, mas sim pelos consumidores americanos. Isso reduziria o poder de compra, afetando principalmente os mais pobres, que usam uma grande parte da renda para consumo. No fundo, essa política se assemelha à estrutura tributária regressiva que temos no Brasil, onde os pobres acabam pagando proporcionalmente mais.

Então, o sr. acredita que a política comercial defendida por Trump afetaria mais negativamente os americanos de baixa renda?
Sim. Isso cria um paradoxo interessante: muitos dos eleitores que apoiam essas políticas não percebem que elas os atingem diretamente, reduzindo seu poder de compra. Ao focar em tarifas, Trump essencialmente estaria movendo os EUA em direção a uma estrutura tributária que prejudica os mais pobres, como vemos no Brasil, onde a carga tributária recai fortemente sobre o consumo.

E se a Kamala vencer, o que mudaria em termos de política comercial? Ela segue a mesma linha de Joe Biden?
A abordagem democrata tende a ser mais seletiva. A ideia não é um descolamento total da China, mas uma redução de riscos estratégicos. Eles focam em áreas como semicondutores e energia limpa, onde há uma competição tecnológica intensa com a China. Isso inclui tanto subsídios quanto tarifas direcionadas para proteger esses setores estratégicos, como foi o caso da *Inflation Reduction Act* de Biden.

E quanto à China? Como os EUA estão se posicionando no que diz respeito à concorrência chinsesa em tecnologia?

> “É um paradoxo interessante: muitos dos eleitores de Donald Trump, e que apoiam essas políticas comerciais defendidas por ele, não percebem que elas os atingem diretamente, reduzindo seu poder de compra”

A China fez grandes avanços, especialmente na energia limpa. Eles investiram mais em energia renovável nos últimos 12 anos do que a soma dos Estados Unidos e Europa juntos. E isso inclui não só a produção de placas solares, mas também a liderança em baterias para veículos elétricos e infraestrutura de energia eólica. Na frente dos semicondutores, os EUA ainda estão na liderança, mas os chineses estão rapidamente se aproximando, apesar das restrições impostas pelos Estados Unidos e seus aliados.

Qual a sua visão sobre a situação política e econômica da América Latina, especialmente em relação aos nossos vizinhos Argentina e à Venezuela?
A situação da Venezuela é muito grave. O Brasil e outros países adotaram uma postura diplomática ineficaz. O governo Lula terá de mudar a postura para não se queimar ainda mais. A fraude lá é inaceitável. Quanto à Argentina, o ajuste proposto por Javier Milei é doloroso, mas necessário, dado o descalabro fiscal e inflacionário do país. Quanto mais estáveis estiverem Argentina e Venezuela, melhor para o Brasil. Mas essa estabilidade parece cada vez mais distante.

Diante desta realidade, no seu entendimento, qual deve ser o papel do Brasil nesses cenários?
O Brasil está fazendo o que pode. No caso da Argentina, é só seguir em frente. Mas no caso da Venezuela será difícil sustentar a neutralidade e a diplomacia diante de tantos crimes conta a democracia. O governo Maduro tem usado de todas as ferramentas à sua disposição para se manter no poder, inclusive a repressão. Apesar das sanções internacionais, o país encontra refúgio em parcerias com países como China, Rússia e Irã. Quanto à Argentina, a situação fiscal e monetária é insustentável. O Brasil e outros países da região, como Colômbia e México, adotaram uma abordagem diplomática inicialmente, mas sem muito sucesso. A verdade é que não há muito mais que o Brasil possa fazer proativamente. As sanções tiveram algum impacto, mas não resolveram o problema. A resolução depende principalmente dos venezuelanos, o que pode exigir algum tipo de ruptura interna.

No entendimento do senhor, a política econômica adotada por Javier Milei está dando certo?
A agenda de Milei é radical, mas espera- se que, depois dessa fase de dor, a confiança volte, e a economia possa sair da crise com investimentos e recuperação da inflação e das contas públicas. Não é fácil resolver a economia argentina. Foram muitas décadas de destruição e populismo. A recuperação vai levar muito tempo também, se eles errarem pouco.

PIONEIRO MUNDIAL DA TÉCNICA DE TATUAGEM ESTÉTICA:

RODOLPHO TORRES É REFERÊNCIA MUNDIAL NA ÁREA E TEM IMPACTADO VIDAS ATRAVÉS DO SEU TRABALHO

A tatuagem é uma das formas de arte mais antigas da humanidade. Por mais de 5 mil anos, culturas de todos os continentes colocaram tintas permanentes em seus corpos. Nesse universo, um dos profissionais que figuram como um dos melhores tatuadores do país, é o tatuador Rodolpho Torres, nascido em São Paulo, 36 anos, é um homem visionário que se tornou referência em camuflagem estética, utiliza a milenar arte da tatuagem para promover mudanças na cor de cicatrizes, olheiras e estrias.

Resiliente, determinado, Rodolpho sempre teve o sonho de empreender. Tomou uma decisão difícil ao largar a faculdade de Administração para seguir teu sonho. *"Após cursar seis períodos, larguei a faculdade para seguir minha verdadeira paixão pelo empreendedorismo. Foi então que, sem qualquer experiência prévia em arte, optei por me tornar tatuador. Inicialmente, parecia uma escolha inusitada, mas eu enxerguei além. Observando o mercado, percebi o crescente fenômeno social que a tatuagem representava em minha geração. Estúdios de tatuagem surgiam por todos os lados, e eu vi uma oportunidade única de me destacar"*, conta.

Rodolpho tinha como objetivo de vida, além de ser um empreendedor, fazer a diferença e impactar na vida das pessoas através do seu trabalho. *"Observei que muitos estúdios não exploravam o potencial completo do mercado. Então, me dediquei intensamente a aprender a arte da tatuagem e entender as necessidades de meus clientes. Sabia que, para me tornar um tatuador de sucesso, precisava mais do que habilidades artísticas; precisava de uma abordagem empresarial estratégica. Comecei a focar em tatuagens minimalistas para mulheres. Tive uma visão que ninguém havia tido na época, e rapidamente me destaquei"*, afirma.

"Meu estúdio se tornou referência, atraindo muitas mulheres que valorizavam a delicadeza e a sutileza das tatuagens minimalistas. Entretanto, comecei a notar que muitas de minhas clientes reclamavam de cicatrizes, estrias e outras marcas na pele. Inspirado pelo conceito de cores universais na maquiagem, pensei "Por que a tatuagem não pode oferecer o mesmo?" Foi então que, de maneira autodidata, trabalhei arduamente, estudei para desenvolver tons e uma técnica de camuflagem inovadora", afirma.

Há 16 anos, o tatuador e empresário trabalha com tatuagens artísticas e há 11 anos, exclusivamente com tatuagens estéticas, são quase 7 mil procedimentos realizados. É uma das mentes mais inovadoras no mercado da estética, pioneiro mundial da técnica de tatuagem estética, onde inovou o mercado com o procedimento de camuflagem. Ele oferta curso online e presencial para pessoas que queiram trabalhar na área com método exclusivo que está revolucionando o mercado, permitindo ganhos extraordinários e transformando vidas.

"Tornei-me pioneiro e inventor da técnica de camuflagem estética, atendendo celebridades e artistas do mundo inteiro. Mudei a realidade financeira da minha família e a minha própria vida, tornando-me uma referência na área, algo que me orgulha muito. Estou determinado a criar novas oportunidades para as pessoas trabalharem com camuflagem estética, transformando vidas e criando um novo marco na história da tatuagem. Com minha dedicação e visão, não apenas alcancei meu sonho, mas também abri caminho para uma nova era no mundo da tatuagem, impactando vidas e criando um legado duradouro", destaca.

Rodolpho possui um portfólio de sucesso, já passaram pelo seu estúdio nomes como Gretchen, a cantora Ludmilla, a atriz Deborah Secco, a musa fitness Gracyanne Barbosa, entre outras personalidades do mundo da moda e da televisão.

Em seu curso 'Vivendo de tatuagem estética", destinado tanto a profissionais da área da estética quanto a pessoas que buscam uma nova profissão, oferece técnicas exclusivas de reversão de procedimentos, e protocolos nunca ensinados para camuflagem de cicatrizes. Com mais de 2 mil alunos impactados e vivendo do método de Rodolpho, o curso se destaca pelo sucesso comprovado.

Sobre sua maior missão, o empresário afirma que é transformar a vida das pessoas através das suas técnicas, ensinamentos.

"Minha visão é continuar inspirando pessoas e contribuir na transformação da qualidade de vida delas, através da tatuagem estética", concluiu.

Com mais de 10 milhões de seguidores no Instagram, o tatuador compartilha seus trabalhos, seu dia a dia, cursos e resultados do seu método.

Jornalista: Daniela Duarte

POR ALEXANDRE INACIO

ATRASO NA AGENDA DA SUS

O mundo está atrasado na implementação da agenda sustentável. Faltando menos seis anos para 2030, 85% dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da ONU estão fora dos prazos previamente acordados. Estudo do Pacto Global das Nações Unidas em parceria com a Accenture, com 2,8 mil líderes empresariais de todo o mundo, concluiu que a atenção sobre os ODS caiu nos últimos anos. Embora quase todos (94%) acreditem na visão dos ODS, apenas metade (49%) aposta que o mundo os atingirá até 2030. A maioria (81%) acredita que suas empresas estão fazendo o suficiente para contribuir, mas apenas 62% sentem que o seu setor esteja fazendo o suficiente. Além disso, quase metade (44%) dos líderes veem os governos como as principais partes interessadas com as quais gostariam de se envolver mais quando se trata de ações dos ODS. Na América

ACESSIBILIDADE

ROBÔ GUIA **DEFICIENTES VISUAIS** NO MUSEU

O Museu do Amanhã (RJ) está ampliando suas iniciativas de acessibilidade durante todo o mês de setembro, quando se comemora o Dia Nacional da Luta da Pessoa com Deficiência. Entre as novidades está a robô Ma.IA, programada para conduzir os visitantes com deficiência visual até pontos importantes como o elevador que leva às exposições, o banheiro e o restaurante. O museu também ganhou uma modalidade mais atualizada e inclusiva para o acesso às suas instalações. As visitas cognitivas-sensoriais terão um novo kit de autorregulação sensorial e novas narrativas descritiva e visual. A ideia é considerar maneiras diversas de vivenciar o museu, ampliando o acesso a pessoas neurodivergentes, com deficiência visual, entre outros públicos.

ENERGIA

BMG APOSTA NO **HIDROGÊNIO VERDE**

A BMG Energia, empresa do grupo mineiro BMG, está desenvolvendo um projeto de energia fotovoltaica associada à produção de hidrogênio verde, no sudoeste da Bahia. Com capacidade de cerca de 12 gigawatts de energia por ano, o projeto será instalado entre as rodovias BR-030 e BA-160, a 100 km de Guanambi. O plano prevê a criação de uma zona industrial de geração, processamento e exportação de energia sustentável para a produção de hidrogênio verde. A expectativa é que o projeto alcance 100% da capacidade em até 12 anos. Para viabilizar o empreendimento, a proposta foi dividida em 268 microprojetos, possibilitando que a implementação seja feita por fases.

FOTOS: DIVULGAÇÃO

TENTABILIDADE

Latina, 95% dos executivos afirmam que o setor privado desempenha um papel fundamental para alcançar os ODS da ONU, mas apenas 56% deles acreditam que as companhias realizam o que é necessário para o alcance das metas estipuladas para 2030. Ao serem questionados sobre quais são as principais barreiras, os executivos latino-americanos identificaram a inflação (91%); as taxas de juros (87%); e as prioridades competitivas (83%) como as três principais. O presidente da Accenture para Brasil e América Latina, Rodolfo Eschenbach, destaca que crises mundiais como a pandemia de Covid, a guerra na Ucrânia, os altos níveis de inflação e fenômenos meteorológicos extremos têm desacelerado ou revertido drasticamente os avanços nos ODS. "Esses contratempos ampliaram o déficit de financiamento dos ODS para US$ 11 trilhões a US$ 15 trilhões por ano em todo o mundo", comenta.

VEÍCULOS

BYD DOBRA APOSTA E LANÇA NOVO SUV 100% ELÉTRICO

A chinesa BYD está dobrando a aposta no mercado brasleiro de veículos elétricos. A montadora acaba de lançar o Yuan Pro, com a ambição de ser o primeiro SUV 100% do brasileiro. Com autonomia de 380 km (NEDC), 177 cv de potência e aceleração de zero a 100 em 7,9 segundos, o novo modelo tem como alvo o público jovem. "O Yuan Pro chega para atender à demanda reprimida por um SUV mais em conta e sem deixar de oferecer tecnologia e modernidade. Ele atende não apenas as necessidades de viagem, como também é um modelo que expressa a individualidade dos jovens", disse Alexandre Baldy, vice-presidente da BYD no Brasil.

MOBILIDADE

TOYOTA E BMW UNEM FORÇAS EM BUSCA DA CÉLULA DE COMBUSTÍVEL

A alemã BMW e a japonesa Toyota uniram forças para desenvolver a próxima geração de veículos movidos a células de hidrogênio. As gigantes da indústria automotiva acreditam que a produção em série dos novos veículos chegará ao mercado em 2028. As empresas desenvolverão em conjunto o sistema de trem de força para veículos de passeio, com a tecnologia de célula de combustível central criando sinergias para aplicações em veículos comerciais e de passeio. O resultado desse esforço será utilizado em modelos individuais da BMW e da Toyota e expandirá a gama de opções de veículos elétricos de célula de combustível (FCEV) disponíveis para os clientes, preservando a identidade e características distintas de cada marca.

CRÉDITO

BOTICÁRIO LEVANTA R$ 1,15 BI EM "TÍTULOS VERDES"

O Grupo Boticário anunciou a captação do seu terceiro Sustainability-Linked Bond (SLB) no valor de R$ 1,15 bilhão. A operação foi atestada pelo Bureau Veritas, consultoria especialista em avaliação ESG. Entre os compromissos estão duas metas de impacto social e desempenho sustentável. A primeira é alcançar 1 milhão de oportunidades criadas nos cursos profissionalizantes do Programa Empreendedoras da Beleza, até 2030. A segunda é garantir que 75% dos pontos de venda próprios tenham energia vinculada a fontes renováveis, também até 2030.

LUÍS GUEDES
PROFESSOR DA FIA BUSINESS SCHOOL

INDÚSTRIA VERDE: DE TENDÊNCIA A PRIORIDADE

Concorde comigo: não é possível continuar produzindo centenas de milhões de bolsas, carros, tênis, relógios e tudo mais sem levar em consideração a finitude dos recursos naturais e o equilíbrio instável do nosso ecossistema. O Capitão Nascimento tem uma frase sobre o que pode acontecer.

Cidades, sistemas produtivos e democracias são bem menos robustos do que parecem, e mudanças sorrateiras podem provocar resultados "inesperados". Somos pouco equipados para antecipar o futuro disruptivo. Ao que parece, nosso sistema cognitivo veio de fábrica com um viés que, de tão prevalente, tem até nome: ilusão de continuidade.Dan Gilbert, psicólogo de Harvard, liderou um estudo que entrevistou dezenas de pessoas entre 20 e 80 anos de idade e perguntou: "Quanto você mudou nos últimos 10 anos? E quanto espera mudar nos próximos 10?". Em todas as idades as pessoas afirmam que mudaram muito nos últimos 10 anos, mas acreditam que mudarão muito pouco nos próximos 10 anos. Os entrevistados somos nós... quando olhamos para trás, sabemos que a mudança é praticamente uma constante. Quando olhamos para frente, parece tudo será como antes.

> **A transição não é mais uma tendência, mas um fato, reconhecido nas mudanças regulatórias, no comportamento dos consumidores e nas expectativas da força de trabalho. O papel da educação parece ser fortalecido**

As empresas mais avançadas já pensam e agem sob novos fundamentos, alinhados como o que vem sendo chamado de economia verde, fatorando em seus modelos de gestão as externalidades ambientais do processo produtivo e incluindo ações que podem contribuir, ainda que modestamente, para a justiça social. Questões como mudanças climáticas, escassez de recursos naturais, direitos humanos e eficiência energética são aspectos que vêm sendo tratados com seriedade, medidos e reportados para escrutínio público. Interessa (cada vez mais) ao público não somente os produtos inovadores, mas um processo produtivo equilibrado e relações sociais inclusivas e justas. Os exemplos já são muitos, no Brasil e no exterior: eficiência energética (Schneider Electric, WEG), produção limpa (Fiat, Tesla), economia circular (Interface, Patagonia), conservação florestal (Suzano, Klabin, Natura). Nossa matriz energética é destaque pela baixa intensidade de carbono e nossa legislação é moderna, apesar dos desafios ambientais.

A economia verde e o desenvolvimento sustentável se entrelaçam para modificar a lógica de produção herdada da Revolução Industrial para avançar rumo ao novo e necessário equilíbrio. A transição não é mais uma tendência, mas um fato, reconhecido nas mudanças regulatórias, no comportamento dos consumidores e nas expectativas da força de trabalho. Os melhores querem trabalhar para as empresas mais modernas – tecnológica e socialmente. As evidências científicas vêm se acumulando, indicando relação positiva entre boas práticas socioambientais e performance financeira, capacidade de inovação e clima organizacional. Empresas que se engajam no modelo de produção mais limpo mitigam riscos reputacionais associados a passivos ambientais e reduzem seu custo de capital.

Nesse contexto, o papel da educação (ambiental, emocional, técnica) parece ser fortalecido. O conhecimento, tal como na Revolução Industrial, será o motor da transformação. Saúdo meus amigos industriais e meus companheiros de magistério. Mãos à obra!

Desigualdade persiste e dependência do Bolsa Família sobe

Fatia dos brasileiros que possuem o benefício como principal fonte de renda passou de 2,6% em 2021 para 3,7% em 2023 e pode chegar a 7,3% em 2030 pela falta de capacitação de mão de obra

Paula CRISTINA

EFEITOS PRÁTICOS Família carente na Baía de Guanabara, no Rio, em 2021, durante a pandemia

 | FOTO: FABIO TEIXEIRA/ANADOLU VIA AFP

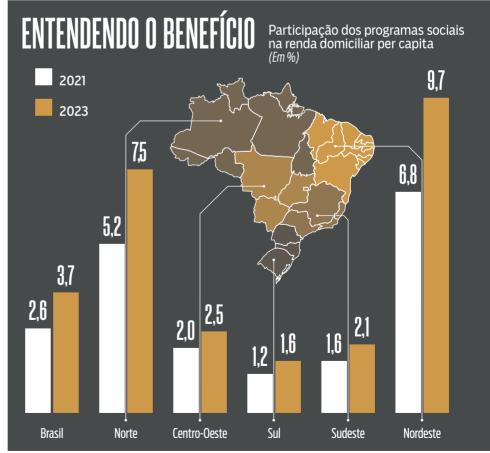
O Brasil é um país desigual. Essa afirmação, que não surpreende absolutamente ninguém, é a única corrente que se mostrou estável e constante em todos os períodos da história brasileira desde a chegada dos portugueses às terras tupiniquins — e muito possivelmente por isso perpetuaram-se os desequilíbrios econômicos. Com isso posto, presenciamos como se comporta uma nação desequilibrada financeiramente e seus reflexos na macro -economia. Para alguns, saltam aos olhos os efeitos da baixa escolaridade, privação de direitos básicos, construção sociológica violenta. Para outros, implica em uma sociedade mais dependente do Estado, um mercado consumidor contraído e uma força de trabalho deficitária. E todas as colocações estão corretas. A solução, aceita e reproduzida por diferentes espectros ideológicos, é forçar a transferência de renda por meio do governo, um processo que, por aqui, ganhou o nome de Bolsa Família e é uma dos projetos mais bem-sucedidos da história do mundo neste quesito. Mas, sob a ótica da riqueza, quanto o País evoluiu nestes mais de 20 anos de programa?

A resposta é tão complexa quanto a pergunta. No recorte dos rendimentos familiares per capita, a transferência de renda direta era a principal fonte de recursos de 0,3% das famílias em 2003, passou para 2,6% em 2021 e atingiu 3,7% em 2023, ainda que o mercado de trabalho tenha melhorado nos últimos anos. A estimativa do Ipea, com números compilados pelo Centro de Estudos para o Desenvolvimento do Nordeste do IBRE/FGV, compilados com exclusividade pela DINHEIRO, é que no atual ritmo de concessão do benefício, a fatia possa chegar a 7,3% em 2030.

Mas, antes que a discussão sobre preguiça ou falta de vontade de trabalhar possa ganhar corpo, um alerta: não estamos tratando de comodismo, ainda que a explicação encoste na famosa frase sobre "dar o peixe ou ensinar a pescar". O estudo da FGV evidenciou as dificuldades de inserção laboral desse grupo, "seja pela capacidade do mercado absorver estas pessoas (com menor capital humano), seja pela ausência de incentivos para a participação no mercado de trabalho (principalmente, desalento)", explicou Vitor Hugo Miro, um dos autores do levantamento. Com base nos dados do PNAD, o Ipea também fez suas prospecções. Com o refinamento constante do mercado de trabalho em direção a posições ligadas à tecnologia, há um abismo pela frente. É preciso capacitar mais, mais rápido e com muito mais qualidade do que o atual. "Temos um dilema grande, aprofundado pelos anos do ensino prejudicado pela pandemia, que se soma a uma estrutura acadêmica deficitária. Não será fácil", disse Viviane Cordeiro, que foi pesquisadora do Ipea e ex-secretária de desenvolvimento econômico do Ministério da Fazenda do governo Michel Temer.

Reconhecendo o valor e importância do Bolsa Família para redução da pobreza extrema e seus efeitos claros na melhoria da qualidade de vida dos brasileiros, ela afirma que, enquanto essa solução paliativa for a única no front, a dependência aumentará. "O Brasil ampara o mais pobre e subsidia o mais rico, mas age muito pouco no meio desta pirâmide, e nela estão respostas importantes para o desenvolvimento", disse. Isso, segundo ela,

Fonte: IPEA, PNAD e FGV

DUPLA DINÂMICA
Lula e o ministro Welligton Dias durante anúncio de antecipação do Bolsa Família para os moradores do Rio Grande do Sul

passa pelo Bolsa Família. Ele é um elemento essencial para a saída da extrema pobreza, mas, sozinho, é incapaz de produzir uma mobilidade social. "Sem capacitação para o mercado de trabalho formal, muitos partem para a informalidade ou autonomia, mas isso não tem bastado", afirmou.

Prova disso apareceu em um estudo do IBGE divulgado em agosto que revelou que 2,1 milhões de microempreendedores individuais (MEIs) no País são beneficiários do Bolsa Família. Isso representa 14,1% do total (14,6 milhões) de empreendedores. Os números se referem ao ano de 2022, dado mais recente disponível, época em que o programa era chamado de Auxílio Brasil durante o governo do ex-presidente Jair Bolsonaro. O estudo revela que muitos beneficiários do programa buscam empreender para compor a renda da família. Quem tem renda familiar de até R$ 218 por pessoa tem direito ao benefício e pode, ao mesmo tempo, atuar como MEI. Quando ampliado para outros benefícios sociais, cerca de 4,1 milhões de MEIs estavam inscritos no CadÚnico em 2022 — ou seja, 28,4% do total.

Segundo Vitor Hugo Miro, o levantamento da FGV evidenciou que a participação dos rendimentos do trabalho na renda domiciliar per capita diminuiu entre 2021 e 2023. "Na população total essa redução foi mais discreta, mas entre os extremamente pobres, a queda foi significativa", disse. Para a população em extrema pobreza, conta ele, a reconfiguração dos programas sociais, em especial o Programa Bolsa Família, teve um reflexo muito forte, se traduzindo em um aumento substancial na participação das transferências na composição da renda domiciliar. "Isso representa um aspecto positivo, uma vez que provê maior renda para famílias vulneráveis, mas reflete a dificuldade de inserção econômica dos mais vulneráveis e a dependência de benefícios desta natureza."

A região Nordeste, a mais pobre do País, apresenta as maiores disparidades. A menor participação da renda do trabalho e a maior dependência de programas sociais nesta região reforçam a necessidade de políticas públicas específicas e mais efetivas para promover a inclusão econômica e reduzir a pobreza. "Os indicadores de participação e ocupação, bem como as taxas de informalidade, denunciam que o mercado de tra-

 FOTOS: RICARDO STUCKERT/PR | LULA MARQUES/AG. BRASIL

balho do Nordeste necessita de maior dinamismo." Ainda que nos últimos dez anos o Bolsa Família tenha desempenhado um papel essencial para redução da extrema pobreza, o próprio ministro do Desenvolvimento Social, Wellington Dias, reconhece que é apenas mais uma ferramenta dentro de uma engrenagem maior. À DINHEIRO, ele afirmou que tem trabalhado em duas frentes, uma na ampliação de ações de capacitação, modernização e ampliação do acesso ao mercado de trabalho. "Temos que ressaltar que, entre janeiro e julho, 77% das vagas de empregos ocupadas eram de trabalhadores inscritos no cadastro único", disse. De acordo com ele, os programas que visam melhorar a qualificação da mão de obra são feitos em parcerias com outros ministérios e dentro dos estados. "São inúmeras iniciativas, muitas delas feitas com a iniciativa privada, é um processo que já está em curso", disse.

Sobre o crescente número de beneficiários, ainda que o desemprego tenha caído e a economia tenha crescido, Dias explica que houve um pente fino no programa. Em 2023, o governo retirou 3,7 milhões de beneficiários do Bolsa Família, reduzindo os gastos em R$ 34 bilhões, mas 4,7 milhões de novas famílias foram incluídas, totalizando 20,7 milhões de famílias atendidas. O ministro afirmou que, sem a reformulação do Cadastro Único e o pente-fino, o número de beneficiários poderia ter ultrapassado 26 milhões. "Em 2025 os mecanismos para evitar fraude, duplicidade de pagamentos ou recebimentos indevidos serão ainda mais fortes. A ideia não é retirar o recurso, mas redirecionar para outras frentes, como a capacitação", afirmou.

Mais de 2 milhões de microempreendedores individuais recebiam o benefício do Bolsa Família em 2022 , o que representa 14,1% do total de MEIs abertas no Brasil

PROBLEMA CRÔNICO Resolver tal questão não é tarefa fácil, e as discussões sobre caminhos é tema constante da economia mundial. Inclusive pelo ganhador do prêmio Nobel, em 1971, o economista russo e naturalizado norte-americano Simon Kuznets. Ele, que é o autor do termo Produto Interno Bruto como referencial para medir as riquezas de um país, escreveu em seu livro *Economic Growth of Nations: Total Output and Production Structure* que o crescimento econômico das nações é sustentado pelo avanço do produto per capita ou por trabalhador e precisa ser uma das maiores preocupações dos líderes das nações capitalistas ou não.

De acordo com Kuznets, na obra *Crescimento Econômico Moderno: Ritmo, Estrutura e Difusão*, de 1981, "é o povo que gera o crescimento econômico e consome os seus frutos; e o aumento de população é uma característica e uma condição peculiar do crescimento moderno". Na mesma publicação, ele defende que garantir a subsistência da população é apenas o primeiro passo e, na sequência, é necessário estimular a produção de riquezas destes elos da sociedade, se tornando um "aspecto-chave de uma economia em crescimento". Mas antes de desenvolver toda linha argumentativa, Kuznets fez outra contribuição para a economia moderna, é um assunto que o Brasil conhece bem. Ele criou a Curva de Kuznets, que representa a hipótese que, à medida que a economia se desenvolve, as forças de mercado primeiro aumentam e depois diminuem a desigualdade. O problema disto é que, quando não é estruturado com pilares sólidos de educação e preparação para o mercado de trabalho, o crescimento econômico tem duração de, no máximo, 25 anos, e é seguido por uma recessão. São quatro fases no ciclo: a prosperidade, a recessão, a depressão e a recuperação. Uma história que, assim como a desigualdade, se repete sistematicamente desde que o Brasil é Brasil.

PROGRAMA IMPORTANTE Transferência de renda tirou 18 milhões de pessoas da extrema pobreza no Brasil

EQUILÍBRIO DIFÍCIL
Ao optar por Hugo Motta, Lira precisa administrar interesses do governo, do empresariado e de sua base política

A ESCOLHA DE ARTHUR LI

 FOTO: LULA MARQUES/AG. BRASIL

Presidente da Câmara dos Deputados faz manobra para pressionar o governo, bagunça votação de pautas econômicas e joga para o colo de Lula o sucesso da eleição do próximo chefe da Casa

Paula CRISTINA

Os desdobramentos sobre como se dará a sucessão da presidência da Câmara dos Deputados virou mais uma novela da República brasileira. Entre os personagens, o atual presidente da Casa, Arthur Lira (PP-AL), que tenta emplacar seu sucessor e busca apoio do governo. O nome escolhido, Hugo Motta, deputado do Republicanos da Paraíba, era apadrinhado de Lira, tinha um bom relacionamento com o governo e parecia comandar bem o centrão. Mas não foi exatamente assim que as coisas se desenrolaram. O líder do União Brasil na Câmara, Elmar Nascimento, bateu o pé em sua pré-candidatura ao comando da Casa, o que pode dividir a bancada do baixo clero e tornar a governabilidade de Motta, mesmo que vitorioso no pleito de 1º de fevereiro, mais difícil. Entre os analistas políticos, o maior risco fica para o governo, que precisa contar com a coalizão do Centrão para avançar com a agenda econômica antes mesmo da definição da nova mesa diretora. Assuntos como a regulamentação da reforma tributária, os incentivos para carbono verde, o Orçamento de 2025, a revisão do Imposto de Renda, além da resolução do imbróglio das emendas secretas. Tudo isso estava entre as prioridades do governo ainda este ano, mas a queda de braço dentro do Centrão esfriou o clima para aprovações.

Para mandar a mensagem de sua força, Lira aprovou na quarta-feira (11) a primeira parte da manutenção da desoneração da folha de pagamento para 17 setores, uma derrota para o governo e um aceno para os empresários que atuam dentro do Congresso. A votação aconteceu após um almoço entre Lira e representantes do PT, PL, MDB, Podemos e PP, para desenhar um ambiente para coalizão, mas não houve unidade ampla fimarda.

Nos bastidores, os deputados do União garantem apoio a Elmar que, perguntando sobre a relação com Lira, afirmou que sua candidatura à presidência da Casa está mantida. “Minha pré-candidatura segue de pé. Nada mudou. O presidente (Arthur) Lira é do PP, mas não me falou nada. Ele me procurou hoje, mas não tive tempo. Só falo sobre ele quando ele falar em ‘on’. Eu não tenho inimigos, nem vou ter. Toda hora que ele chamar, vou aceitar”, disse após sair de um almoço da bancada depois de um encontro com o presidente Lula.

DISTÂNCIA SEGURA Oficialmente, Lula disse que não iria interferir na eleição e descartou a possibilidade de o PT lançar candidatura própria. Uma fonte próxima ao presidente afirmou que já foi definido que Lula não fechará apoio a algum candidato. “Como não houve um nome de consenso, a ordem é esperar para avaliar o andar da carruagem. O lema é ter calma e bom senso”. O problema é que o tempo não é o melhor aliado de Lula neste momento. O mais urgente dos assuntos a serem resolvidos pelo Legislativo é a desoneração da folha de pagamento. Na quarta-feira, o ministro Fernando Haddad disse ter conversado com Lira, e que o parlamentar havia mostrado “boa vontade em resolver a questão”. Mas a forma da resolução, no entanto, não está clara. Lira tem sofrido forte pressão do empresariado que participa ativamente da vida política e usa as eleições municipais como forma de pressionar o presidente da Câmara pela manutenção da desoneração. Pelo lado do governo, Lira sabe que precisa de apoio para emplacar seu sucessor e, principalmente, precisa garantir que fez a escolha certa para garantir que o Legislativo siga no comando da República

RA PARA SUA SUCESSÃO

COMO EVITAR A MORDIDA

A regulamentação da Reforma Tributária traz mudanças na cobrança de impostos sobre heranças e doações, que poderá chegar a 8% para grandes patrimônios. Mas existem alternativas

Jaqueline MENDES

A partir de 2025, o cenário tributário brasileiro poderá sofrer uma importante transformação com as novas regras do Imposto de Transmissão Causa Mortis e Doação (ITCMD), também conhecido como imposto de herança. Esta cobrança, que incide sobre a transmissão de bens e direitos em casos de herança ou doações, passará por mudanças significativas em suas alíquotas, que vão variar de 2% a 8%, dependendo do tamanho do patrimônio. Hoje, cada Estado define seu próprio percentual. No caso de São Paulo, a alíquota é de 4%. Ou seja, para quem deixar alguns milhões (os valores ainda serão definidos) para os herdeiros, o imposto poderá dobrar. Para a baixa renda, o custo poderá ser reduzido à metade. "A reforma tributária uniformiza a aplicação da progressividade em todos os estados, eliminando a prática de se mudar

 | FOTO: DIVULGAÇÃO

PÓSTUMA DO LEÃO?

o endereço fiscal para estados com alíquotas mais baixas", afirmou Pedro Persichetti, especialista em planejamento sucessório da Sail Capital.

Pagar até o dobro de imposto sobre herança pode gerar preocupação hoje, mas saiba que pode ficar ainda pior. Existem propostas no Congresso que defendem a elevação das alíquotas para até 20%, deixando o Brasil mais próximo de países desenvolvidos. Nos Estados Unidos, o percentual para grandes fortunas é de 40%. Na Alemanha, varia de 7% a 50%. Ou seja, ao comparar o Brasil com outros países, pagar 8% parece até um bom negócio. "Mesmo na hipótese de 8%, seremos um dos países com tratamento tributário mais generoso do mundo, sendo um bom lugar para se morrer", disse Carlos Eduardo Andrade, especialista em direito tributário e sócio do escritório Giovanetti & Andrade Associados. "Nos próximos anos, com maior necessidade de arrecadação, o imposto sobre herança pode ser elevado para um patamar próximo a 15% ou até mais", afirmou.

Existem duas principais alternativas para evitar a nova tributação. A primeira é a doação em vida, que deve permanecer com alíquota fixa de 4%. A outra é a criação de holdings familiares, uma das modalidades que estão sendo cada vez mais discutidas para mitigar o impacto fiscal. Uma holding familiar é, basicamente, uma empresa criada para administrar os bens e o patrimônio de uma família, permitindo que seus membros detenham participações societárias, em vez de possuírem diretamente os bens.

Um dos principais benefícios da holding familiar está na simplificação do processo sucessório. Quando os bens da família estão sob a gestão de uma holding, é possível distribuir as quotas da empresa entre os herdeiros em vida, evitando o pagamento do ITCMD sobre os bens no momento da sucessão. Em outras palavras, em vez de transferir diretamente os imóveis ou ações para os herdeiros, transfere-se a participação societária, o que pode reduzir significativamente a carga tributária. Essa estrutura também facilita a transferência do controle das empresas familiares para as próximas gerações, garantindo maior estabilidade na gestão do patrimônio, evitando conflitos entre herdeiros e assegurando a continuidade dos negócios.

A holding familiar também oferece

proteção patrimonial, pois isola o patrimônio familiar da pessoa física. Dessa forma, os bens passam a ser de titularidade da empresa e ficam protegidos de eventuais problemas financeiros ou pessoais dos sócios, como divórcios ou processos judiciais. Além disso, a criação de uma holding permite maior controle sobre o destino dos bens, uma vez que é possível estabelecer regras claras sobre como o patrimônio deve ser gerido e distribuído. Isso se torna especialmente útil em famílias com grande número de membros ou em situações de sucessões mais complexas.

Em termos tributários, a holding familiar oferece uma série de vantagens. No Brasil, a tributação sobre o rendimento de pessoa jurídica costuma ser mais favorável do que a tributação de pessoa física. Isso significa que, ao centralizar os bens na holding, é possível usufruir de regimes tributários mais vantajosos, como o Simples Nacional, Lucro Presumido ou até Lucro Real, dependendo das atividades da holding.

Com uma estrutura bem planejada, a família pode evitar o pagamento de ITCMD em algumas situações, principalmente no caso de doação de quotas da holding com cláusula de usufruto. Isso significa que o patriarca ou matriarca da família pode doar as quotas para os herdeiros, mas manter o usufruto dos bens, isto é, o direito de utilizar os ativos e receber seus frutos (como dividendos), enquanto estiver vivo. Assim, o ITCMD só será devido sobre as quotas, cujo valor é inferior ao valor total dos bens.

Outro ponto relevante é a centralização da gestão patrimonial. A holding familiar permite que todos os bens e investimentos sejam geridos de forma unificada, o que facilita a administração dos ativos e a tomada de decisões estratégicas, especialmente em famílias com patrimônio diversificado. Com uma estrutura centralizada, é possível profissionalizar a gestão dos negócios familiares, contratando gestores especializados para administrar os bens, o que aumenta a eficiência e reduz o risco de má administração.

ATENÇÃO REDOBRADA Novas regras passam a valer ano que vem e Receita Federal já informou que aumentará atenção para evitar problemas, evasão e fraudes fiscais

HERANÇA EM DÓLAR Para famílias com patrimônio no exterior, a holding internacional é uma opção. Esse tipo de estrutura permite que bens localizados fora do Brasil sejam administrados por uma holding internacional, o que pode trazer vantagens fiscais em algumas jurisdições, além de maior proteção contra riscos jurídicos no Brasil. No entanto, é fundamental contar com uma assessoria especializada para estruturar a holding de forma adequada, respeitando a legislação vigente e otimizando as vantagens fiscais. “Com o aumento da fiscalização e a simplificação dos processos de cobrança, a busca por soluções legais e inteligentes para o planejamento sucessório deve ganhar ainda mais relevância nos próximos anos, garantindo que o patrimônio familiar seja transmitido de maneira eficiente e segura para as futuras gerações”, afirmou Andrade.

CIRO JORGE:

CONHEÇA O MÉDICO QUE VEM HUMANIZANDO O ATENDIMENTO NA ÁREA DA SAÚDE MENTAL E SENDO REFERÊNCIA NA MEDICINA

A rotina do Dr. Ciro Jorge é traçada pela arte do cuidar das pessoas. O profissional acolhe em diferentes ciclos de vida, proporcionando um atendimento individual e humanizado para cada um. Ciro Jorge, tem 32 anos, nascido em Monte Santo de Minas, MG, cidade com pouco mais de 20 mil habitantes.

Há 3 anos realizou o seu maior sonho tornando-se médico, possui especialização em psiquiatria e saúde mental. Atua com atendimentos individualizados e também ministra capacitação e mentoria aos municípios e serviços privados de saúde mental. É apaixonado por pessoas e tem um jeito humanizado de atendê-las.

Resiliência, perseverança, é assim que o médico vem quebrando barreiras e construindo seu próprio caminho. Veio de uma família trabalhadora e guerreira, que sempre o impulsionou a buscar por seus objetivos. Desde muito cedo sabia que queria ser médico e batalhou por esse sonho. *"Ao finalizar o ensino médio e após alguns anos de cursinho, iniciei meu tão sonhado curso. No segundo ano da faculdade, desenvolvi síndrome do pânico e ali foi a primeira vez que tive o contato direto com a psiquiatria e me deparei com a dificuldade da autoaceitação em relação a doença e da aceitação das pessoas a nossa volta, os preconceitos existentes. E minha vivência fez com que eu olhasse para essa especialidade com mais carinho. Durante a graduação, pude acompanhar o atendimento em um hospital psiquiátrico e foi ali, que me apaixonei e escolhi seguir na área da saúde mental"*, conta.

Paralelo a faculdade de medicina, Ciro optou por trabalhar para ajudar a pagar o curso. *"Trabalhei como motorista de aplicativo e foi uma época muito corrida, apesar dos desafios enfrentados, isso me fez um homem mais batalhador, que seguiria até o fim por esse sonho. Estudava por tempo integral, quando saia da faculdade ativava o aplicativo até a noite. Em casa, cumpria meu terceiro turno, me dedicar aos estudos. Tudo valeu a pena e sou muito grato aos meus pais que sempre me incentivaram para batalhar e conquistar meus objetivos. Quero retribuir toda essa gratidão, anos de estudos na medicina, no cuidado, atenção e dedicação com meus pacientes"*, afirma.

> *"Ao me formar, iniciei um curso de especialização em saúde mental pela IPQ-HC e já comecei a trabalhar em ambulatórios de psiquiatria e mais tarde em CAPS, que foi de fato aonde eu me encontrei. Hoje continuo trabalhando no CAPS IJ e CAPS adulto, tenho meu consultório particular presencial e faço tele consultas, porém o meu maior empreendimento é sem dúvidas a Eatifa, que em árabe significa afeto, e é esse nome que dei ao meu curso de capacitação e mentoria"*, diz o médico.

Eatifa foi criada com o objetivo de capacitar os serviços de saúde mental dos municípios em relação a humanização e trato aos pacientes, promovendo uma melhor relação com o paciente e sua rede de apoio, criando vínculos fortalecidos e de confiança.

Sobre sua missão de vida, Ciro afirma que é continuar transformando vidas através da medicina. *"Meu objetivo é poder estimular a qualidade de vida, o bem-estar dos meus pacientes. Quero humanizar a rede de saúde mental, para que as pessoas se sintam incentivadas a buscarem tratamento, conhecer e parar os preconceitos existentes nesta área"*, concluiu.

Sobre como a forma que atende seus pacientes, o médico afirma que ama lidar com as pessoas. *"A abordagem humanizada junto ao respeito e compreensão garante que o paciente receba o cuidado de acordo com suas necessidades. Isso traz um benefício muito significativo para a saúde mental do paciente, pois muito além de medicar, tem o acolhimento, a escuta, o apoio. Meu trabalho é pautado no amor ao próximo, em vê-lo bem e feliz"*, concluiu o médico.

Em suas redes sociais, o médico fala sobre saúde mental, mostra seu dia a dia, e tem cativado as pessoas com vídeos que compartilha mostrando a convivência divertida com os pacientes. Na rede do Tiktok é conhecido como o 'Médico do CAPS', com mais de 10 milhões de visualizações em seu conteúdo. No Instagram, possui mais de 14 mil pessoas que acompanham o médico onde ele aborda sobre tratamento humanizado, o cuidado com os pacientes, a desmitificação do CAPS, a importância de se falar em saúde mental.

Para acompanhar melhor esse médico sensível e empático pela vida humana, siga-o nas redes sociais: @dr.cirojorge

Jornalista: Daniela Duarte

O PLANO SEGURO DA LOCKTON

CORRETORA E CONSULTORA DE SEGUROS INDEPENDENTE AMERICANA INTENSIFICA SEUS INVESTIMENTOS NO PAÍS E EXPANDE SUA ESTRATÉGIA COM A AQUISIÇÃO DA CONCORRENTE THB BRASIL

Aline ALMEIDA

FOTOS: FERNANDO CAVALCANTI I DIVULGAÇÃO

A atividade de seguros é milenar, tão antiga quanto o comércio de produtos. E proteger os bens materiais é inerente a qualquer iniciativa de risco. No Brasil, essa modalidade de negócio ganhou forma com a chegada da família real portuguesa ao Brasil, em 1808, que culminou na abertura dos portos por aqui. Nesse momento surgiu a primeira empresa seguradora do País, a Companhia de Seguros Boa-Fé, com objetivo de operar no seguro marítimo. A atividade seguradora era regulada pelas leis portuguesas. De lá para cá, o setor expandiu e evoluiu para outras frentes. Atualmente, com o aumento de furtos, golpes e crimes no ambiente digital em um mundo tão globalizado, a demanda por seguros cresce continuamente. Em diferentes modelos, as seguradoras seguem com sua proposta inicial: atuar como amortecedores contra eventos adversos, oferecendo estabilidade a indivíduos e empresas. Por aqui, uma das companhias que tem se destacado é a Lockton, corretora de seguros americana independente que chegou ao Brasil em 1994 e vem investindo fortemente no mercado brasileiro desde 2020, a partir da aquisição da THB Brasil e a formação de um grupo de executivos locais.

O Brasil está entre as quatro maiores operações da Lockton no mundo, sendo a segunda maior na América Latina. Nos últimos quatro anos, cresceu seis vezes acima da média do mercado, impulsionada por estratégias locais. A THB Brasil, que se fundiu à Lockton há um ano, registrou um crescimento de 20%, superando os 12% do setor, com prêmios comercializados que somam R$ 3,3 bilhões desde a aquisição. A expectativa é alcançar R$ 4 bilhões em prêmios no próximo ano. “A fusão possibilitou a expansão da companhia em três canais: o proprietário, o bank assurance e o co-broker, permitindo expandir em 20% a carteira de clientes”, explicou José Otávio Sampaio, CEO da Lockton Brasil.

INOVAÇÃO Segundo Eduardo Lucena, CEO-adjunto da Lockton Brasil, a empresa cresce mais do que a média do mercado pois tem a vantagem competitiva de atuar com capital privado, o que proporciona maior agilidade e foco no cliente. “Investimos 80% do nosso lucro em pessoas, clientes e tecnologia”, disse o executivo, reforçando a importância de talento e inovação para o sucesso da empresa.

Em termos de expansão, a Lockton tem acelerado sua atuação no Brasil oferecendo soluções personalizadas em planos de saúde para pequenas e médias empresas (PMEs) e a microempreendedores individuais (MEIs). Essa área já representa 30% da receita total da companhia no País. Além disso, a empresa está observando uma tendência crescente de investimentos em medidas preventivas, como consultoria em gestão de riscos e cibersegurança. Pequenas e médias empresas estão cada vez mais preocupadas com esses riscos e buscam aprimorar suas políticas de segurança da informação, na avaliação de Sampaio. Ele destacou que as linhas financeiras continuam impulsionando o crescimento e os seguros estão se adaptando às novas demandas, como as relacionadas às mudanças climáticas. “Agora, fala-se mais sobre seguros com cláusulas catastróficas. Eles podem ser uma ferramenta importante diante dos desafios que enfrentaremos”, disse o CEO, acrescentando que o setor agrícola ainda tem muito potencial de crescimento no mercado de seguros.

Fundada em 1966 por Jack Lockton em Kansas City, a Lockton opera em 125 países e tem escritórios no Brasil nas cidades de São Paulo (SP), Campinas (SP), Rio de Janeiro (RJ) e Recife (PE). A empresa oferece soluções globais em riscos, benefícios e seguros, atendendo mais de 65 mil clientes com o apoio de 10 mil colaboradores. Seus serviços abrangem desde gestão de riscos e seguros para o setor energético até proteção contra perdas catastróficas e exigências regulatórias. S

“Crescemos mais do que a média do mercado, porque temos a vantagem competitiva de atuar com capital privado”

EDUARDO LUCENA
CEO-ADJUNTO DA LOCKTON BRASIL

“Pequenas e médias empresas estão cada vez mais preocupadas em aprimorar políticas de segurança da informação”

JOSÉ OTÁVIO SAMPAIO
CEO DA LOCKTON BRASIL

10 PERGUNTAS PARA FÁBIO MITIDIERI

GOVERNADOR DE SERGIPE

“NÃO QUEREMOS SER SOMENTE UM ‘UBER DO GÁS’, QUEREMOS ATRAIR INDÚSTRIAS E EMPREGOS DE FORMA PERMANENTE”

Allan RAVAGNANI

Ocorreu no último dia 4 de setembro o leilão de concessão parcial da Deso, empresa de água e saneamento de Sergipe, que acabou arrematado pela Iguá Saneamento, diante do pagamento de R$ 4,54 bilhões para a exploração dos serviços de abastecimento de água e esgotamento sanitário de todo o estado pelos próximos 35 anos. O governador sergipano, Fábio Mitidieri, conversou com a DINHEIRO sobre a concessão e também a respeito de outras oportunidades econômicas a serem estudadas, como a exploração de gás natural offshore, que vai ajudar a incrementar os cofres públicos a partir de 2028.

Sergipe vem avançando no processo de saneamento ao longo dos últimos dez anos, mas ainda falta muito para atingir a meta de universalização estipulada pelo governo federal, em 2033. A privatização era necessária?
Sim, o principal objetivo com a concessão da Deso é universalizar o saneamento. Com a concessão, dentro de dez anos, 90% da população será assistida pela coleta e tratamento de esgoto. A empresa é superavitária, mas o caixa insuficiente para investimentos dessa grandeza. Agora, a Iguá terá de investir mais de R$ 6 bilhões, sendo R$ 4,7 bilhões nos primeiros 10 anos. Como a concessão vai atender todos os municípios, será possível equacionar alguns problemas, como o índice de perdas acima de 50%, além de contemplar as 20 cidades que não possuem atualmente nenhum tipo de esgotamento.

A conta de água vai aumentar?
Não, o projeto prevê a manutenção da tarifa social, que oferece desconto de até 50% na conta de água para a população de baixa renda. Inclusive, será permitida a ampliação dos

 FOTO: ARTHUR D'AVILA

atuais 2% de atendimento por tarifa social para até 5% em um primeiro momento.

A outorga superou em 123% o lance mínimo, ficou satisfeito?
Foi uma surpresa positiva para todos nós, isso demonstra a credibilidade e a confiança no nosso estado, que tem um bom ambiente de negócios, baixíssimo endividamento e que vem atraindo novos investidores. Somente as obras da concessão irão gerar 7 mil empregos diretos e 13 mil indiretos, economia de R$ 270 milhões no orçamento da saúde até 2033 e um incremento de R$ 16 bilhões no PIB do estado até 2040, ou seja, somente com essa concessão, o estado vai crescer 1,6% ao ano até lá, no mínimo.

E agora a expectativa é pela exploração do gás natural offshore, que vai render muito dinheiro em royalties. O que pretendem fazer?
A exploração vai iniciar em 2028, o PAC está investindo R$ 116 bilhões para iniciar essa operação, oferecendo um grande atrativo para a indústria e o gás em escala. O nosso papel como governo é pavimentar essa via de desenvolvimento para que em 2028 o estado tenha uma estrutura pronta para a exploração, por isso estamos investindo R$ 1 bilhão na recuperação de rodovias e pontes, além de obras nos 75 municípios para ajudar a economia local, e assim possamos atrair outros segmentos da indústria para o estado quando o ciclo do gás se encerrar.

Qual potencial dos ganhos com a exploração do gás?
Serão cerca de R$ 1 bilhão em royalties por ano pagos pela Petrobras, para um estado que arrecada R$ 16 bilhões. Será um grande incremento. Vamos nos preparar para que quando o estado comece a receber o recurso, que faça bom uso, não quero ser somente um "uber do gás", quero atrair indústrias e empregos para cá.

Existem outros desafios também, como qualificar mão de obra, legislação, não?
Sim, conquistamos a saúde financeira do estado a duras penas e hoje somos um dos menos endividados, temos apenas 26% da receita comprometida, que é um dado positivo. Também estamos revendo diversas legislações tributárias. Por exemplo, a legislação para gás é a mais moderna do País, aprovamos uma nova Lei de Responsabilidade Fiscal que garantiu o terceiro melhor resultado primário da nação, estamos diminuindo o estoque de precatórios, tudo para aumentar a segurança jurídica do investidor. Para qualificação de mão de obra, criamos o programa "Qualifica Sergipe".

A Reforma Tributária vai trazer benefícios para Sergipe?
Quando a reforma foi implementada vai chacoalhar essas questões de isenções e ICMS. Não existe reforma perfeita, todos têm interesses, por isso é preciso conciliar e abrir mão de alguma coisa, então não se constrói um texto ideal, mas um possível. No entanto, a legislação atual é do modelo 'perde-perde', por exemplo, os incentivos fiscais que os estados do Nordeste têm, eles abrem mão de arrecadação, ou seja, perdem, as empresas não veem mais renúncia fiscal como incentivo, mas como obrigação. Agora, a inversão do ICMS pago no destino é muito relevante para quem tem menor produção e maior consumo, como é o caso de Sergipe e os estados do Nordeste. Isso vai ser positivo para nós.

O anuário nacional da segurança pública mostra que o índice de violência de Sergipe melhorou bastante, reduzindo 43% dos homicídios desde 2017, mas ainda é muito alto, entre os piores do País, o que está acontecendo?
Tem muito trabalho para se fazer ainda, a população está tendo mais sensação de segurança, estamos reduzindo o número de homicídios, estamos entre os mais seguros do Nordeste [atrás da Paraíba] e sabemos que a sensação de segurança é muito importante para o cidadão, para o turismo e para a atração de negócios.

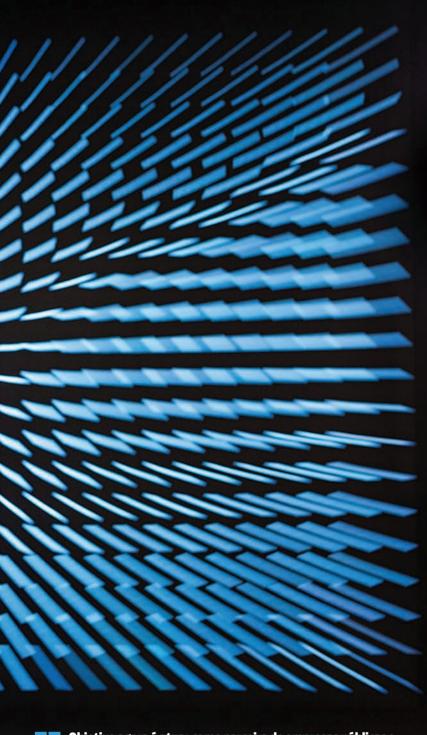
Não podemos não falar de Sergipe sem falarmos do turismo...
Pois é, o turismo é muito importante porque é uma 'indústria sem chaminés', como gostamos de dizer. Esse tem sido um dos nossos maiores focos de trabalho. Quando chegamos no governo a população tinha a sensação que apesar de ser um estado lindo, era pouco explorado pelo turismo. Foi criada uma política pública chamada 'Viva Sergipe', para reparação de espaços culturais, como museus, bibliotecas, pinacotecas, criação de um calendário anual de eventos, que era uma coisa básica que não existia, participar das principais feiras de turismo no Brasil. Eu participo também, converso com as companhias aéreas, reduzimos o ICMS para aviação para atrair voos, começamos a divulgar o estado, e com isso a gente conseguiu atrair, com um mote que é fazer quem vem visitar o estado a trabalho, queira voltar com a família. Com isso, já somos o terceiro estado mais procurado no São João, estamos entre os 10 mais procurados do País em julho, crescemos 11% em 2023 no setor, isso tudo resultado de políticas públicas assertivas.

Como estão os investimentos e políticas públicas em educação?
O estado tem feito muito esforço em educação, entregamos uma obra a cada 12 dias, uma escola climatizada a cada 6 dias. Já entregamos 52 escolas. Também tem o programa 'Acolher', com psicólogas e assistentes sociais trabalhando dentro das escolas, já são 309 escolas. Ampliamos as de tempo integral de 74 para 102, criamos um programa de licitação de creches tempo integral, para 300 crianças por unidade, em 77 creches. Além disso, escolas que vão bem no IDEB recebem premiação por profissional, de até R$ 10 mil, e os alunos que se destacam recebem até R$ 5 mil, são incentivos para motivar. Esse ano nós estamos esperando investir R$ 50 milhões em premiações. Tem também o programa 'Sergipe no Mundo', onde 100 jovens por ano e 10 professores fazem intercâmbio educacional em países como Irlanda, Espanha, Inglaterra e Estados Unidos. Isso estimula outros alunos e tem tido uma repercussão fantástica. Todas as regiões do estado foram contempladas, cada um com uma história de vida. O programa 'Cuidar-se' que combate pobreza menstrual. Para que as meninas possam ter absorvente e não percam mais aulas. Isso traz dignidade às pessoas. E com essa soma de programas, melhores índices, resultados, o estudante passa a sentir orgulho de ter laboratórios, auditórios novos, ginásio, coisa que só se encontrava em escolas privadas. E por fim, a pauta da retomada da carreira do magistério, onde foram investidos R$ 240 milhões para valorizar essa carreira e melhorar a satisfação dos professores. S

IBM SE REINVENTA PARA TRANSFORMAR O BRASIL

FOTO: SILVIA ZAMBONI

Com receita global de US$ 61,9 bilhões, a gigante centenária de tecnologia aposta em Inteligência Artificial (IA), nuvem híbrida e computação quântica para crescer. Operação brasileira é destaque em soluções para instituições financeiras e varejo

Leticia FRANCO

> **Objetivo agora é atuar como parceira de empresas públicas e privadas para uma transformação digital estruturante, por meio de tecnologia e de consultoria**
>
> **MARCELO BRAGA**
> PRESIDENTE DA IBM BRASIL

Antes de mergulhar na nova era da IBM, uma das maiores empresas de tecnologia do mundo, é preciso fazer uma breve viagem no tempo. Nem tão breve assim, já que a história da companhia remonta a 1911, ano em foi fundada — à época, a IBM (International Business Machines Corporation) ainda era a CTR (Computing Tabulating Recording Company). O nome foi alterado em 1924. Suas transformações em 113 anos vão muito além do nome. Durante mais de um século, a IBM armazena grandes feitos e tem papel importante em relevantes transformações do mundo. Em 1956, o IBM 704 foi programado para jogar damas e aprender com sua experiência, sendo a primeira demonstração de Inteligência Artificial (IA). Em 1969, os computadores e software da IBM levaram os primeiros homens à lua. Já em 1997, o supercomputador IBM Deep Blue derrotou o melhor jogador de xadrez da época, Garry Kasparov. Mas também há percalços nessa viagem, como na reta final do século passado, quan-

A IBM Brasil esta à frente de mais de 400 projetos em nuvem e Inteligência Artificial para empresas. Foco é transição digital segura e moderna

do o hardware deixou de ser um bom negócio e a divisão de computadores foi vendida para a Lenovo. E num passado recente, em 2015, a Big Blue ganhou tons mais escuros com queda no valor de mercado e lucro estagnado. Enquanto isso, suas maiores rivais cresceram. E a empresa marcada por grandes transformações precisou se transformar para chegar até aqui. Em outubro de 2021, a IBM anunciou a IBM Consulting como nova marca de seu negócio global de serviços profissionais. No mês seguinte, fez um *spinoff* que deu origem à Kyndryl. Estava definitivamente entrando em uma nova era, agora focada em nuvem híbrida e IA para alavancar o portfólio centrado em tecnologia e consultoria. É assim que a companhia, avaliada em US$ 191,4 bilhões, caminha para um destino ainda mais longevo.

Em 2023, a receita líquida de US$ 61,9 bilhões representou avanço de 2,2% sobre 2022. O lucro líquido chegou a US$ 7,5 bilhões, cerca de 4,6 vezes o lucro do ano anterior. Para continuar em ritmo de crescimento, a veterana tem operações em 175 países, entre eles Brasil, que possui papel importante nesse novo momento. A IBM Brasil foi a primeira unidade da empresa fora dos Estados Unidos, inaugurada em 1917. Como não poderia ser diferente, a marca da IBM está estampada em grandes feitos no País. O primeiro computador e o primeiro sistema de grande porte do Brasil, para a Volkswagen, chegaram aqui em 1959. Em 1965, ajudou a Universidade de São Paulo (USP) em seu primeiro vestibular unificado e na inauguração do Centro de Super Computação na Universidade de Campinas (Unicamp). Quase 60 anos depois, o objetivo é continuar como protagonista e, dessa vez, sendo parceira dos setores público e privado na transformação digital, guiada por múltiplas nuvens, arquiteturas híbridas e processos orquestrados por IA.

Quem lidera a reinvenção da IBM Brasil é Marcelo Braga, profissional que sabe como se reinventar. Quando chegou à IBM em 1998, Braga, que até então tinha perfil técnico voltado para o desenvolvimento de sistemas, precisou se transformar para trabalhar na área de vendas de soluções de dados. “Relutei a aceitar o convite por três meses. Foi minha mãe quem me encorajou, lembrando o tamanho da IBM no mercado”, disse o executivo à DINHEIRO. Lá se foram 26 anos desde que ele seguiu o conselho de sua mãe. Durante o período, Braga atuou em

 FOTOS: DIVULGAÇÃO

NOS BASTIDORES

NATURA
Gigante do setor de beleza utiliza o IBM Turbonomic para automatizar seus processos internos e avança em redução de custos

BRADESCO
Segundo maior banco em número de clientes do Brasil, a instituição utiliza IBM Watson e watsonx no atendimento ao cliente

BANCO DO BRASIL
A IA generativa da IBM é usada para aumentar eficiência do atendimento ao cliente em diversos canais, incluindo o WhatsApp

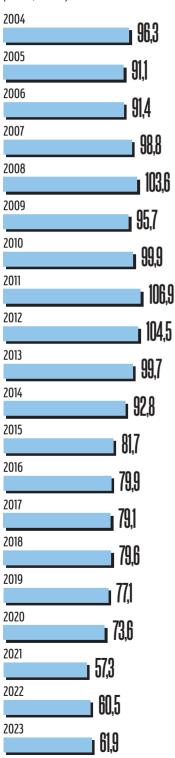
diferentes funções na empresa, que demandaram conhecimentos em gestão e marketing. Foi vice-presidente das áreas de software, IBM Cloud e vendas. Comanda a operação desde janeiro de 2022. "O profissional de tecnologia precisa entender mais de negócios", ressaltou.

MATURIDADE Transformar, reinventar. É inevitável não mencionar os mesmos termos. Na era da transformação digital, que se acelerou com a pandemia de Covid-19 nos últimos anos, a gigante de tecnologia se propõe a ajudar empresas em uma transição mais segura e moderna. No Brasil, a IBM está à frente de mais de 400 projetos em nuvem e Inteligência Artificial para empresas de diversos setores, como financeiro, varejo, industrial e telecomunicações. Se em 1956 a empresa fez sua primeira demonstração de IA por meio de um jogo de dama, hoje ela atua com a IA tradicional e também com a IA generativa com sua plataforma watsonx, versão lançada em 2023, e já com diversas atualizações de código aberto, produto e ecossistema para impulsionar o uso em negócios em escala. O mercado é promissor. Segundo pesquisa divulgada pela IBM em março deste ano, 67% das empresas da América Latina aceleraram a implementação de IA nos últimos dois anos. "O mercado brasileiro sai de uma fase de experimento para entrar em um nível de maturidade com o uso de IA, que tem predicados sofisticados", afirmou Braga.

A adoção de IA é fortemente observada no mercado financeiro nacional, setor que tem se destacado globalmente ao exportar a expertise desenvolvida para as organizações bancárias. É a IBM Watson [supercomputador que usa técnicas de machine e deep learning] que está nos bastidores da Bia, a assistente virtual com Inteligência Artificial do Bradesco, por exemplo. O projeto que começou como uma experiência interna hoje está disponível para os 38 milhões de correntistas do banco, que podem realizar serviços com a ajuda da assistente. Com isso, em 2016, o Bradesco se tornou a primeira empresa no País a treinar o sistema Watson em português. Uma transformação para as duas companhias. Além disso, a parceria se estende para a IA generativa de watsonx, sendo um dos primeiros clientes da IBM a utilizar a tecnologia no Brasil. Outro projeto é a plataforma E-agro, um marketplace que abrange diferentes segmentos do agronegócio, desenvolvida pelo Inovabra — ambiente de inovação do Bradesco — e a IBM.

Ainda no mercado financeiro, a IA generativa da IBM também é utilizada pelo Banco do Brasil com o objetivo de aumentar a eficiência no atendimento ao cliente. Segundo informações da companhia, são 19 milhões de usuários de chatbot pelo WhatsApp mensalmente baseado na watsonx, além de cerca de um milhão de conversas diárias com clientes de forma ininterrupta. Os exemplos do Bradesco e Banco do Brasil são parte de um ecossistema em desenvolvi-

RECEITA NOS ÚLTIMOS 20 ANOS

(Em US$ bilhões)

mento. Isso porque, de acordo com um estudo divulgado pela IBM em junho, 86% das organizações bancárias ao redor do mundo — incluindo Brasil — estão desenvolvendo ou se preparando para entrar em operação com casos de uso de IA generativa.

Há mais setores nacionais envolvidos na jornada digital orientada pela IBM para potencializar os negócios e reduzir custos operacionais. Como é o caso do segmento de beleza. A Natura, um dos maiores players do setor da América Latina, adotou a IBM Turbonomic, plataforma de automação com uso de IA para o gerenciamento de recursos de TI. A tecnologia foi implementada pela ScaleUP Consultoria, parceira da IBM, que atuou diretamente com a empresa nesta transformação do negócio. Em 2023, poucos meses após a adoção da solução, a ferramenta registrou mais de 4,5 mil ações automatizadas e evitou mais de 900 incidentes em TI. O resultado foi uma economia financeira, com ROI [retorno do investimento] superior a 100% nos primeiros meses de utilização.

Dentre tantas eras, um dia o céu azul da IBM já foi *one stop shop* — modelo de negócios que oferece tudo em um único local —, quando atendia os clientes de ponta a ponta, de data centers a gestão. Com sua capacidade de se reinventar com as novas tecnologias de cada geração, um dos principais avanços está ancorado na nuvem, em que a empresa utiliza diferentes plataformas, como a IBM Cloud e a gestão de armazenamento. Para Álvaro Luiz Massad Martins, professor de tecnologia da informação da FGV EAESP, o atual modelo de negócios da empresa mostra sua velocidade de adaptação. "A IBM acompanha de perto cada inovação e se transforma de forma sustentável. E estamos

EVOLUÇÃO
Empresa possui mais de 40 data centers pelo mundo e aumenta demanda em nuvem

falando disso na indústria de tecnologia, que muda constantemente", avaliou. Para fortalecer sua posição no mercado de nuvem híbrida e *open source* (código aberto), a multinacional comprou a empresa de software Red Hat, em 2019, por US$ 34 bilhões, em uma das maiores aquisições de sua trajetória e da história da indústria tecnológica.

COMPUTAÇÃO QUÂNTICA Mais uma era? Sim, ao mesmo tempo em que a IBM se desenvolve em IA e cloud, a companhia ingressa em um processo que pode ser classificado como quântico. Em 2016, disponibilizou o primeiro computador quântico na nuvem, o que tem aju-

NA ERA QUÂNTICA
Além de nuvem e IA, IBM intensifica o desenvolvimento da computação quântica. No Brasil, Bradesco e Itaú já utilizam os recursos

dado especialmente na área financeira do Brasil. Enquanto o Bradesco inicia a jornada pós-criptografia quântica com a IBM, o Itaú se une à Quantum Network, plataforma da IBM, para fidelizar clientes e sugerir investimentos. Para Marcelo Braga, o somatório dos avanços mais recentes resulta na era da utilidade quântica e de supercomputação centrada nela. Se a computação quântica representa o futuro, a IBM não tem outra alternativa, precisa ser rápida. Para o presidente, os ciclos das novas eras serão mais dinâmicos e disruptivos. Em cada uma deles a IBM vai se reinventar para estar presente na transformação do Brasil e do mundo.

ENTREVISTA

MARCELO BRAGA
PRESIDENTE DA IBM BRASIL

“O futuro da tecnologia é rápido e desafiador”

Qual o ritmo da adoção de Inteligência Artificial nos negócios?
Se no passado a Inteligência Artificial era usada na construção de bots, como uma experiência, hoje ela caminha para um nível de maturidade nas empresas e se coloca como uma aliada para resolver os problemas de ponta a ponta de qualquer negócio. Ela é adotada para gerir um ambiente como um todo, reduzir o custo de consumo de nuvem, ter mais produtividade, disponibilidade e também ser mais segura. Resumindo, a IA deixa de ser protagonista para ser participante de cada processo, o que torna tudo mais ágil e dinâmico, auxiliando especialmente nas tomadas de decisão. Acredito que esse comportamento deve ser ainda mais potencializado a curto e médio prazo.

Os recursos de IA e nuvem híbrida estão mais acessíveis?
Ambas as tecnologias podem ser consideradas mais democráticas, visto que antes eram infraestruturas caras que só as grandes corporações e projetos maiores tinham condições de adquirir. Hoje, mais empresas podem pagar para ter acesso. A escala é outra, em vez de poucos conglomerados, a gente abre um mercado para qualquer empresa, startup e universidade. A consultoria permite estar próximo do cliente, do ecossistema como um todo, então leva às últimas versões para perto dos clientes.

E a implementação da computação quântica?
A gente já fala dessa era por aqui. É o próximo passo. A IBM tem uma longa história de avanço da realidade da computação quântica e liderou décadas de pesquisa nessa tecnologia. No Brasil, instituições financeiras já iniciaram suas jornadas de pós-criptografia quântica. O Bradesco é um caso de uso. A era quântica está bem aqui e deve ser o somatório de tudo o que já vivemos e estamos vivendo, como nuvem e IA.

Como a IBM contribui para o avanço do mercado de tecnologia no País?
Nós contribuímos através de dois principais canais. O primeiro é o desenvolvimento de tecnologias para produtos em nossos laboratórios no Rio de Janeiro e em São Paulo. O IBM Research traz proximidade com a academia e o desenvolvimento de novos talentos, algo muito importante para o País. O outro está justamente na jornada digital de empresas que se destacam nos setores econômicos, de finanças, varejo, educação, entre outros. Somos os parceiros do futuro. Dessa vez, contribuímos para que o mercado avance em tecnologia, especialmente em IA, valorizando não só os resultados, mas também os princípios de governabilidade e transparência.

O futuro é...
Muito rápido. As transformações são mais disruptivas que as anteriores e isso tende a aumentar. Se há algum tempo a gente percebia claramente eras de tecnologia, agora elas são mais dinâmicas. E trata-se de um futuro desafiador, que exige uma mudança importante nos negócios, então há a necessidade das linhas empresariais serem mais profundas em tecnologia, porque ela estará presente em diferentes níveis. Outro desafio está sob a ótica de segurança cibernética. Um mundo interconectado, com recursos de open banking e open finance, requer aprimoramento de tecnologias e sobretudo da cultura empresarial para entender a importância de uma transformação digital segura.

fotos: Divulgação Gerdau

Gerdau inova e leva iniciativas inéditas com aço 100% reciclável para a 40ª edição do Rock in Rio

Palco Mundo com estrutura feita em aço, óculos em parceria com Chilli Beans e ações com o público para difundir a importância da reciclagem serão destaques no maior festival de música do mundo

Maior produtora brasileira de aço, a Gerdau preparou três grandes iniciativas para brilhar nos palcos do Rock in Rio Brasil 2024, principal festival de música e entretenimento do planeta. As ações contemplam a montagem de um palco com material 100% reciclável, parceria com a grife de óculos Chilli Beans e atividades de estímulo e conscientização sobre a importância da reciclagem. Todas estão, de certa forma, interligadas.

Para Gustavo Werneck, CEO da Gerdau, a ideia da parceria com o Rock in Rio surgiu como forma de aproximar ainda mais a Gerdau e o aço, um produto 100% reciclável, da sociedade. "Desde 2022, nos unimos ao Rock in Rio para levar nosso aço 100% reciclável e de baixa emissão de carbono ao maior Palco Mundo da história", afirma Werneck. "Agora, damos mais um passo na humanização do aço a partir dessa parceria inovadora com a Chilli Beans, uma marca que conversa com toda a sociedade brasileira, promovendo uma coleção de óculos infinitamente reciclável e que leva os conceitos do Palco Mundo para a população."

No mesmo palco em que grandes artistas se apresentarão, a Gerdau também vai brilhar. Pela segunda edição consecutiva, o aço Gerdau estará presente no Palco Mundo do Rock in Rio Brasil. A cenografia do palco terá um visual ainda mais moderno e contará com 200 toneladas de aço fornecidas pela Gerdau para a edição de 2022. A cenografia inclui 86 módulos cenográficos feitos com aço Gerdau, pesando 550 kg cada. O novo Palco Mundo será ainda maior, com 860 metros quadrados, 104 m de largura e 30 m de altura, equivalente a um prédio de 10 andares e com seis telões de LED,

fotos: Divulgação Gerdau

marcando um novo recorde histórico do festival, que teve início em janeiro de 1985. "O mesmo aço que foi utilizado em 2022 será moldado e transformado em um novo Palco Mundo, dando mais uma vez visibilidade às pessoas que fazem parte da cadeia de reciclagem no País", afirmou Werneck. "Ficamos muito orgulhosos de estarmos mais uma vez ao lado do Rock in Rio, dando visibilidade ao trabalho de mais de um milhão de pessoas que atuam nessa cadeia no País e que ajudarão a dar vida ao palco do festival."

Gerdau vai aproveitar a imensa exposição do festival para promover ações de engajamento e interação com o público. A história das 200 toneladas de aço Gerdau 100% reciclável, que estarão mais uma vez presentes na cenografia do Palco Mundo, é a inspiração para as ativações da marca na edição comemorativa de 40 anos do maior festival de música e entretenimento do mundo. "Pela segunda edição consecutiva, levaremos para o Rock in Rio experiências imersivas que aproximam o público do festival à marca Gerdau, de forma lúdica e educativa, dando visibilidade à importância da cadeia da reciclagem de sucata, que é um processo importante da Gerdau", diz Pedro Torres, diretor global de Comunicação e Relações Institucionais da Gerdau.

Além disso, a Gerdau se uniu à Chilli Beans para criar uma coleção inédita com óculos feitos de aço 100% reciclável, que homenageia o Palco Mundo do Rock in Rio Brasil 2024.

Os óculos poderão ser comprados nos pontos de venda da Chilli Beans na Cidade do Rock ou pela internet, no site da empresa. Os traços e o design do palco poderão ser encontrados nos dois modelos de óculos disponíveis para compra do público.
Para cada óculos da coleção exclusiva com a Chilli Beans que for vendido, a Gerdau irá doar 20% do valor para o projeto Favela 3D (Digital, Digna e Desenvolvida), que visa fomentar o desenvolvimento social e econômico no Morro da Providência, no Rio de Janeiro (RJ). A iniciativa segue com a atuação da Gerdau, em parceria com o Rock in Rio, a Fundação Volkswagen e a ONG Gerando Falcões.

A Gerdau apresentará suas iniciativas em três espaços físicos na Cidade do Rock. Na estrutura que a companhia montará no gramado, aberta ao público em geral, localizada próximo ao Palco Sunset, a ideia é levar as pessoas para o papel de recicladoras. Para isso, serão instaladas "máquinas de reciclagem", semelhantes àquelas famosas máquinas de "pegar ursinhos", mas com elementos que são considerados sucata, fazendo uma alusão ao processo de reciclagem. Quem concluir a atividade com sucesso levará um brinde especial para casa: uma réplica em miniatura do Palco Mundo feita de aço Gerdau em formato de pingente, além de outras surpresas.

As pessoas que estiverem passando pelo mesmo local também terão a oportunidade de ver uma réplica em tamanho real de um carro de Fórmula 1 construído com 1,4 tonelada de sucata metálica. A cópia fiel do carro, além de celebrar o patrocínio da Gerdau como aço oficial do Grande Prêmio de São Paulo de Fórmula 1, reflete a matriz produtiva sustentável da Gerdau, que utiliza a sucata metálica como matéria-prima de mais de 70% de sua produção, assegurando a fabricação de um aço com baixa emissão de carbono. Será uma verdadeira obra de arte exposta para servir como *photo opportunity.* ■

Fabricantes retomam investimentos em motores a combustão, mas especialistas não veem o movimento como uma mudança de rota no mundo

Allan RAVAGNANI

MONTADORAS FREIAM CA

O noticiário trouxe nas últimas semanas uma onda de notícias de fabricantes de carros que estão voltando a investir no desenvolvimento de motores a combustão e tirando o pé do acelerador nos projetos de eletrificação de suas frotas. Tudo isso em meio às discussões globais sobre a transição energética e as legislações para reduzir a emissão de gases efeito estufa. Grandes montadoras como Ford, General Motors, Volvo, Renault e Volkswagen, que inicialmente apostaram pesado na produção de veículos elétricos, estão agora reavaliando suas estratégias e voltando ao bom e velho motor a gasolina ou etanol. A DINHEIRO ouviu especialistas no setor para saber se o movimento é uma mudança de rota ou apenas uma desaceleração diante dos obstáculos encontrados pelos veículos elétricos, além das implicações para o mercado global e também o brasileiro.

Entre os anúncios recentes, de mudança da estratégia, a Volvo Cars anunciou o abandono da meta de vender somente veículos elétricos (EVs) até 2030, responsabilizando a queda na demanda por esse tipo de produto, diante das preocupações dos motoristas com a falta de infraestrutura para recarga. O CEO da empresa, no entanto, afirmou ao *Financial Times* que a companhia estará pronta para cumprir a promessa ao longo da próxima década, e que, por ser uma transição complexa, pode demorar alguns anos para ser concluída. A nova meta da Volvo Car, que pertence ao grupo chinês Geely, é ter de 90% a 100% de veículos eletrificados em 2030, incluindo os motores híbridos.

As vendas dos EVs apresentaram uma desaceleração em todo mundo em 2024, na comparação com 2023, o que não implica uma redução, mas demonstra que a mudança não ocorrerá na velocidade inicialmente planejada. Entre os principais fatores para esse movimento estão o fim dos incentivos fiscais por parte de alguns países europeus, como a Alemanha, e a imposição de barrei-

ras de 100% para produtos importados da China no Canadá e Estados Unidos, que fez o veículo a bateria custar entre 20% e 30% a mais do que os motores convencionais a explosão de combustíveis.

A americana Ford está reorganizando sua estratégia de vendas ao reduzir o foco exclusivo nos EVs e aumentar o investimento nos motores híbridos e a combustão. A empresa de Detroit criou uma divisão chamada "*Ford Blue*" dedicada a esses modelos, enquanto a divisão "*Model e*" se concentra nos elétricos. A companhia também adiou o lançamento de alguns veículos elétricos e continua investindo em suas linhas de caminhões e SUVs movidos a gasolina e diesel, que ainda são altamente lucrativos e populares nos Estados Unidos. Na França, a Renault também retomou a produção de motores convencionais em uma planta que estava para ser descontinuada. Segundo a companhia, o *know-how* de mais de um século produzindo o modelo garante ainda as maiores margens e uma sobrevida ao produto. A GM também anunciou recentemente um investimento para continuar produzindo carros a combustão, incluindo uma nova geração de motores V8 para caminhões e SUVs, fundamentais para manter a competitividade no bilionário mercado americano. Outras montadoras, como a Stellantis (dona de marcas como

"SE O BRASIL SOUBER APROVEITAR SEU POTENCIAL, TERÁ GRANDES DIFERENCIAIS. MAS, POR ENQUANTO, ESTÁ 15 ANOS ATRASADO NA INDÚSTRIA DE VEÍCULOS ELÉTRICOS"

PAULO PAIVA
VP DE NEGÓCIOS DA BECOMEX

"AS MONTADORAS ESTÃO DANDO UMA SOBREVIDA AO MOTOR A COMBUSTÃO PARA GANHAR UMA FOLGA DE CAIXA, MAS O PROCESSO DE ELETRIFICAÇÃO É IRREVERSÍVEL"

DAVID WONG
SÓCIO DA ALVAREZ & MARSAL

Jeep, Fiat, Peugeot, Chrysler e Dodge) estão adotando abordagens semelhantes e equilibrando a produção de elétricos com a manutenção dos modelos convencionais.

Os movimentos dessas grandes montadoras apontam que o caminho de mudança para os propulsores com 'zero' emissão pode ser mais longo do que o previsto, e que os modelos tradicionais ainda terão bastante espaço na preferência dos consumidores pelos próximos anos.

PÉ NO FREIO Para o sócio da consultoria Alvarez & Marsal, David Wong, são vários os motivos que levaram às montadoras a desacelerarem da produção de carros elétricos, citando o fim dos incentivos na Europa, a falta da infraestrutura adequada para atender motoristas e o ainda elevado custo de produção, especialmente das baterias. No entanto, Wong cita que, além desses percalços, as montadoras querem dar uma sobrevida aos motores a explosão por uma questão financeira. "Houve uma enorme queima de caixa para pesquisa e desenvolvimento dos EVs, então elas estão realocando um percentual para aperfeiçoar os carros a combustão, que garantem margens maiores e uma folga no caixa, fazendo essa transição de forma mais lenta", completou Wong.

Em relação às legislações, o sócio da Alvarez & Marsal ressaltou que as políticas de metas seguem inalteradas. Nos Estados Unidos, a meta segue sendo 50% de veículos zero emissão em 2030 e 100% em 2035, na Califórnia, são 100% já em 2030, enquanto na Europa a meta é 100% de veículos que não emitem gases de efeito estufa até 2035, assim como na China, Austrália e outros lugares. Com exceção do Japão. Wong ressaltou que podem haver motores a combustão de emissão zero, no caso dos movidos a hidrogênio, mas que ainda estão em estudos.

Outro especialista do setor automobilístico, o coordenador acadêmico da Fundação Getulio Vargas (FGV), Antonio Jorge Martins, afirmou que aquele entusiasmo inicial com os EVs perdeu um pouco de força diante da imposição da realidade como a falta de estrutura e o alto preço na fabricação de baterias, que fez despencar o preço dos veículos elétricos seminovos, impactando também na venda dos novos. "O consumidor sabe que a vida útil da bateria é de 8 a 10 anos e sabe também que ela custa cerca de 40% do valor total do carro. Como ele vai comprar um carro de 3 ou 4 anos e logo ter que gastar na troca da bateria? Ou então, quem vai comprar o carro dele prestes a dar o prazo de troca? Por quanto ele vai conseguir revender?", afirmou.

"O BRASIL DEVE PERMANECER ECLÉTICO COM AS ENERGIAS DE PROPULSÃO, EXPLORANDO OS RECURSOS DE SUA MATRIZ LIMPA E A DISPONIBILIDADE DOS BIOCOMBUSTÍVEIS"

MILAD NETO
CONSULTOR INDEPENDENTE DO MERCADO AUTOMOTIVO

"O CONSUMIDOR SABE QUE A VIDA ÚTIL DE UMA BATERIA É PERTO DE OITO ANOS, E QUE UMA NOVA CUSTA 40% DO VALOR DO CARRO"

ANTONIO JORGE MARTINS,
COORDENADOR ACADÊMICO DA FGV

O consultor independente do mercado automotivo, Milad Neto, afirmou acreditar em um crescimento dos motores híbridos nesse caminho de transição, especialmente enquanto algumas questões macro ainda não estiverem completamente resolvidas. "A matriz energética da Europa não é limpa como a do Brasil, além disso, enquanto a produção dos EVs não tiver a mesma escala, os preços seguirão mais elevados, e isso leva algum tempo até o ajuste", completou.

NO BRASIL "A indústria nacional ainda não está preparada para produzir híbridos e elétricos. Além de não ter a tecnologia, não tem infraestrutura. O País está 15 anos atrasado nesse processo", afirmou Paulo Paiva, vice-presidente de negócios da Becomex, empresa de inteligência tributária com atuação na indústria automotiva. Paiva, no entanto, pontuou que diante do potencial energético brasileiro, há uma oportunidade única de ser um modelo nessa transição. "O que a indústria mais quer para estar mais competitiva em 2032? Descarbonização e digitalização, então se o Brasil souber aproveitar seu potencial, terá grandes diferenciais", completou.

O consultor Milad Neto considera que para o Brasil, a melhor opção é ser e permanecer eclético na utilização das energias de propulsão, sem fechar os olhos, com o potencial de usar todos os benefícios de uma matriz limpa e da disponibilidade dos biocombustíveis. "É uma grande oportunidade para o Brasil mostrar a que veio, até o final da década, de forma inteligente, podemos ser o grande líder da indústria dessas novas tecnologias", afirmou.

FOTOS: AFP | DIVULGAÇÃO

AS MELHORES
DA DINHEIRO

VOTORANTIM FATURA ALTO CO

Criada para solucionar problemas com motoristas, a Motz ganhou tração, fatura mais de R$ 1 bilhão por ano, cresceu 42% em 2024 e pretende avançar no agronegócio

Allan RAVAGNANI

A busca por uma aproximação maior com os caminhoneiros autônomos era um desafio dentro da Votorantim Cimentos, que sempre escoou a maior parte de sua produção por meio desses profissionais Brasil adentro e queria encontrar uma forma de agrupá-los, conduzir uma governança mais próxima do coração da empresa, otimizar os custos com transporte e aumentar as receitas com a distribuição. Em 2018, a famosa greve dos caminhoneiros foi um marco que ajudou a impulsionar essa busca. Para solucionar essa dor, o laboratório de inovação da companhia criou, em 2019, a Motz, um aplicativo cujo objetivo seria integrar os motoristas com os pontos de expedição de cimento da companhia. O resultado foi tão positivo, que hoje, cerca de 30% das interações são feitas por outras empresas, incluindo concorrentes da cimenteira.

André Pimenta, CEO da Motz, falou à DINHEIRO que a projeção da companhia é que em 2028, mais da metade dos negócios da plataforma serão de feitas com empresas que não sejam a Votorantim. Atualmente,

DE DENTRO PARA FORA O CEO André Pimenta aposta que em 3 anos metade das operações da Motz será com clientes ex-Votorantim

 | FOTOS: FREEPIK | DIVULGAÇÃO

M SEU 'UBER' DE CAMINHÕES

dos 30% dos serviços ex-VC, 20% são relacionados ao agronegócio, mercado que enxerga um vasto potencial de crescimento. Segundo um levantamento feito pela MCC-ENET, o setor logístico pode se desenvolver 50% em 2024 através do foco no digital. "E é alinhado com essa estratégia que a Motz pretende continuar seu crescimento no restante do ano", afirmou Pimenta.

Os resultados financeiros da startup impressionam. No primeiro semestre de 2024, a transportadora *asset light* (que não possui caminhões) atingiu uma receita líquida de R$ 690 milhões, uma alta de 42% quando comparada ao mesmo período de 2023. No início do ano, a empresa projetou um crescimento da ordem de 30%. O número de motoristas cadastrados também deu um salto, fechando os primeiros seis meses com 72 mil motoristas, uma alta de 76% na comparação com o número final de 2023. Além disso, o volume transportado aumentou 12%, atingindo 9,6 milhões de toneladas. A monetização da companhia é feita por uma cobrança em cada frete intermediado. Segundo Pimenta, o percentual do frete varia de acordo com diversos fatores, como distância, carga, etc., mas que em média é de 5%. Antes da abertura da Motz para todo o mercado, em 2022, a atenção da companhia era voltada somente para a Votorantim Cimentos, e tinham apenas 32 funcionários. Em dois anos, e mais de 400 clientes, são atendidos hoje por um quadro de mais de 160 trabalhadores. Fatores como ampliação da base de clientes, o foco em atrair novos motoristas e aumentar a fidelização através de programas de benefícios, além dos investimentos na área de tecnologia foram os principais responsáveis por estimular o crescimento acelerado da plataforma. "Passamos por diferentes momentos desde o início da operação, em 2020. Investimos no time comercial, focamos em estratégias de crescimento e aceleramos ações voltadas para o agronegócio e construção civil. Mantemos como prioridade atender as necessidades dos clientes, investindo no crescimento do time de tecnologia para criar produtos que se destaquem no ramo", completou o executivo.

PARCERIAS Dentro do ecossistema Votorantim, a Motz firmou recentemente uma parceria com o Banco BV, líder em financiamento de veículos leves usados, visando ampliar o acesso ao financiamento de veículos pesados para caminhoneiros autônomos. Com uma análise detalhada do histórico de cada solicitante, o banco projeta a viabilidade de concessão de crédito e oferece condições mais atrativas. A parceria olha para os números do mercado de financiamento de veículos pesados, que registrou um crescimento de 15,5% nos quatro primeiros meses de 2024, alcançando um total de 95 mil veículos adquiridos, de acordo com a B3. Dados do Senatran também revelam uma média de 4,4 milhões de motoristas registrados no Brasil, sendo que, desses, em torno de 700 mil são autônomos, segundo um recente levantamento da CNT (Confederação Nacional de Transporte). A parceria com a BV faz parte do pacote de benefícios que a Motz oferece aos motoristas cadastrados, que inclui também descontos em combustíveis, compra de pneus, alimentação, manutenção dos veículos e saúde, através do Vale Saúde, onde o motorista e sua família têm acesso a saúde remota e descontos em farmácias. A Votorantim, que detém 100% do capital da Motz, não pensa em abrir para novos sócios, no entanto, não descarta a possibilidade, uma vez que, segundo o ditado, as pessoas criam seus filhos para ganhar o mundo.

MOTORISTAS PARCEIROS
A greve dos caminhoneiros de 2018 foi um marco, mas a companhia já buscava uma forma de controlar e integrar seus custos com logística

"Tão importante quanto o desafio de ganhar mercado com mais consumidores na base, é aplicar uma estratégia eficiente para reter os que já existem"

ALUISIO CIRINO
CEO DA ALLOYAL

FIDELIDADE EM JOGO

A mineira Alloyal alcança 1 mil programas de retenção de clientes construídos, com 8 milhões de usuários e 25 mil estabelecimentos parceiros. Pontos, cashback, sorteio, clubes de descontos e até gamificação estão entre as soluções oferecidas

Beto SILVA

Quando a Lecupom nasceu em Minas Gerais, em 2016, o modelo de negócio era simples: uma empresa que oferecia cupons de desconto para o consumidor final. Um B2C tradicionalíssimo. O cliente se cadastrava no app, pagava uma mensalidade e tinha à disposição dezenas de oportunidades para pagar mais barato em marcas parceiras e produtos selecionados. Em 2019, um pouco antes da pandemia de Covid, a companhia fez um movimento importante para pivotar o negócio. Ao invés de focar na pessoa, começou a se relacionar com empresas. Um B2B convencionalíssimo. Mas que gerou resultados mais efetivos para a empresa. A Lecupom passou, então, a oferecer soluções de fidelização de clientes para as marcas. O nome, portanto, já não fazia tanto sentido. E o rebranding foi inevitável. Recentemente passou a se chamar Alloyal. Uma nomenclatura que remete ao termo loyalty, estratégia de marketing que cria um relacionamento estável e de fidelidade entre uma empresa e os seus clientes. Com a virada de chave, em 2020 cresceu incríveis 2.000%. De lá para cá, dobrou de tamanho ano a ano. E em 2024 vai dobrar mais uma vez, com previsão de faturamento na casa dos R$ 20 milhões. A projeção de vendas de seus parceiros é de R$ 500 milhões, mais

 FOTOS: DIVULGAÇÃO | JAKUB PORZYCKI/NURPHOTO VIA AFP

de três vezes os R$ 150 milhões registrados ano passado. "Estamos nos aprimorando e aperfeiçoando nossas ferramentas para oferecer soluções cada vez mais personalizadas", disse Aluisio Cirino, CEO da Alloyal, de produtos personalizados de engajamento e retenção de usuários como programas de pontos, cashback, sorteio, clubes de descontos e até gamificação.

Atualmente, são 1 mil programas de fidelidade construídos, com 8 milhões de usuários e R$ 68 milhões em economia estimada. Entre os clientes da loyalty tech estão Nike, Renner, Centauro, O Boticário e Booking, além de Reserva, Sicoob e instituições como OAB (Ordem dos Advogados do Brasil). Ao todo, são mais de 25 mil estabelecimentos em todo o País, de 19 setores, que usam as soluções da Alloyal.

O mercado de fidelização joga a favor da empresa mineira. Segundo estudo da Associação Brasileira das Empresas do Mercado de Fidelização (Abemf), em 2023 o resgate de pontos e milhas pelos participantes aumentou 18,3% em comparação a 2022. Entre os consumidores, 83,2% dos entrevistados acreditam que os programas de fidelidade melhoraram sua experiência de compra. Globalmente, as companhias estão cada vez mais interessadas em aumentar seus investimentos na retenção de clientes do que na aquisição deles, de acordo com o Global Customer Loyalty Report 2024 da Antavo. Já a consultoria Gartner projeta que até 2027 uma em cada três empresas que ainda não possuem um programa de fidelidade deverá implementar e 9 em cada 10 empresas que já têm esses programas planejam reformulá-los nos próximos três anos. "Tão importante quanto o desafio de ganhar mercado com mais consumidores na base, é aplicar uma estratégia eficiente para reter os que já existem", disse Cirino, que largou a carreira no mercado financeiro para empreender no mundo dos descontos.

PARA SER FÃ DA MARCA
A Nike, gigante de calçados e vesturários esportivos, é uma das clientes da Alloyal no Brasil para fidelizar seus consumidores

PERSONALIZAÇÃO Para o executivo, não existe uma receita de bolo pronta. Cada cliente tem um objetivo, seja para engajar seus consumidores, vender mais ou garantir a satisfação de permanecer como cliente o sócio de empresas e instituições. Para cada um deles, uma solução personalizada é criada. Foi o caso da OAB de Minas Gerais, que tinha dificuldade de manter satisfeitos os advogados que pagam uma taxa anual para a entidade e não observavam muitas vantagens nisso. A Alloyal criou, então, o programa Anuidade Zero, em que os profissionais mineiros de Direito que comprassem em varejistas parcerias recebiam cashback para abater do valor da contribuição anual – em alguns casos o valor recebido cobria o custo total da taxa. "Desde 2021, cerca de 3 mil advogados não pagaram a anuidade, que foi liquidada pelo cashback de suas compras corriqueiras em lojas como Magalu, Netshoes e Amazon, por exemplo", disse Cirino.

E a gamificação? Ela entra como diferencial no programa de fidelidade em casos de engajamento e experiência do cliente. É mais real do que lúdica. "Uma pessoa que compra passagem aérea assiduamente não enfrenta filas", salientou o CEO. "É uma maneira de premiar aquele cliente que tem maior relação com a empresa." Esse é o jogo da fidelidade da Alloyal para fazer os parceiros venderem mais para os mesmos consumidores. S

83%
DAS PESSOAS ACREDITAM QUE OS PROGRAMAS DE FIDELIDADE MELHORARAM A EXPERIÊNCIA DE COMPRA, SEGUNDO A ABEMF

TRANSFORMADORA DE ENERGIA

Japonesa Hitachi Energy traça plano para dobrar sua capacidade de produção no Brasil com a construção de uma segunda fábrica prevista para ser concluída até 2028

Aline ALMEIDA

TRANSIÇÃO ENERGÉTICA Glauco Freitas (esq.) e Alexandre Malveiro fazem planos para expandir fábrica de Guarulhos e construir uma nova planta no eixo Rio-São Paulo

Gigante global do setor de tecnologia energética, a japonesa Hitachi Energy comemora 70 anos de atuação no Brasil com o anúncio de um investimento de R$ 1,2 bilhão, o maior das últimas décadas no País. Com o aporte, planeja expandir sua fábrica de transformadores em Guarulhos (SP) e construir uma nova planta greenfield nos próximos quatro anos, no eixo Rio-São Paulo. O objetivo é antecipar o aumento da demanda por equipamentos de transmissão de energia tanto no mercado brasileiro quanto no global, para seguir com a maior base instalada desses produtos no Brasil. "O mundo está passando por um superciclo, que também impacta o Brasil. Nossa fábrica de Guarulhos se tornou referência, fornecendo equipamentos tanto para o mercado nacional quanto para os Estados Unidos e Europa", disse Glauco Freitas, presidente da companhia no Brasil.

O investimento na operação brasileira faz parte de um pacote global de US$ 1,5 bilhão para aumentar a produção de transformadores. Com a ampliação da planta de Guarulhos e a nova fábrica, a empresa espera criar 3 mil empregos, diretos e indiretos. A transição energética é o principal pilar de crescimento do setor, impulsionada pela crescente demanda por energia em áreas como data centers, hidrogênio de baixo carbono e energia eólica offshore. Bruno Melles, vice-presidente executivo, destacou que todo o investimento será financiado pelo caixa da empresa, sem dificuldades. "Não temos problema para gerar capital, pois 100% desse aporte será gerado com recursos próprios."

Atualmente, a empresa conta com 1,5 mil colaboradores no Brasil, sendo 90% deles alocados na fábrica de Guarulhos e 10% em Blumenau (SC). De acordo com o presidente, o número de funcionários aumentou cerca de 35% nos últimos quatro anos. "Nesse período, ampliamos a planta de Guarulhos três vezes, resultando em um crescimento médio anual de 25%, o que demonstra um desenvolvimento sustentável e consistente nos últimos anos", afirmou.

Com previsão de entrega em 2028, a nova unidade será construída em uma cidade próxima à Rodovia Presidente Dutra. A empresa está em negociação com prefeituras da região e espera definir o local exato nos próximos três meses, o que adicionará 450 funcionários à operação no Brasil. Alexandre Malveiro, gerente regional da divisão de transformadores na América Latina, afirmou que a escolha do município levará em conta a logística e a acessibilidade, pois a distribuição de equipamentos gigantes, com centenas de toneladas, é complexa. "Estamos buscando cidades com logística facilitada, pela localização, com mão de obra mais especializada, como Senais [Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial], Fatecs [Faculdade de Tecnologia do Estado de São Paulo]... Nós também capacitamos os colaboradores."

Os produtos fabricados pela Hitachi no Brasil são exportados para todos os continentes, com grande demanda dos Estados Unidos, que investem na conexão entre estados, e da Europa, focada na integração de redes entre países. No Brasil, espera-se um aumento de 40% na capacidade energética. "Nós demoramos 120 anos, no Brasil, para chegar à matriz energética que temos hoje, de aproximadamente 200 gigawatts. O plano decenal [da Empresa de Planejamento Energético, EPE] é que ele aumente 40%, para 270 gigawatts", disse o presidente.

Esse investimento é também impulsionado pelos leilões de transmissão no Brasil, que somaram cerca de R$ 60 bilhões nos últimos dois anos. A companhia também está presente em projetos estruturantes no País, como os linhões de corrente contínua de Itaipu, Belo Monte e Madeira, o maior elo de transmissão do mundo, com 2.375 quilômetros de extensão.

Além da fábrica em Guarulhos, a empresa opera em Blumenau produzindo transformadores de energia e distribuição, reatores de derivação e componentes essenciais para sistemas elétricos, atendendo mercados nas Américas, Europa e Oriente Médio. Segundo Alexandre Malveiro, o investimento histórico reflete a expertise da empresa, construída ao longo de décadas. "Com a expansão de nossa capacidade produtiva, estaremos ainda mais preparados para apoiar a transição para a energia limpa", concluiu.

100% DOS INVESTIMENTOS NO BRASIL SERÃO FEITOS COM GERAÇÃO DE RECURSOS PRÓPRIOS

40% SERÁ O CRESCIMENTO DA CAPACIDADE ENERGÉTICA DO PAÍS NOS PRÓXIMOS ANOS

R$ 1,2 bilhão É QUANTO A EMPRESA VAI INVESTIR NO BRASIL PARA EXPANDIR SUA PRODUÇÃO

Depois de aumentar a representatividade de grupos minorizados internamente, plataforma de venda e aluguel de imóveis agora quer gerar impacto em quem está do lado de fora

Alexandre INACIO

Viver em São Paulo não tem sido das tarefas mais fáceis. Não bastasse o trânsito caótico, elevados índices de violência e um clima cada vez mais instável, nesta semana, a cidade se transformou na metrópole com a pior qualidade do ar do mundo. Por pelo menos dois dias consecutivos, São Paulo amanheceu liderando o ranking do site suíço IQAir, que faz a medição da qualidade do ar nas metrópoles de todo o mundo. Mesmo diante desse quadro caótico, não é barato viver em São Paulo. Nos últimos 12 meses, o preço do aluguel passou por uma valorização em 94% dos bairros paulistas. Agosto foi o 37º mês consecutivo de alta do Índice de Aluguel QuintoAndar Imovelweb, com um preço médio de R$ 64,38 por metro quadrado. Esse é o valor mais elevado de toda a série histórica do indicador, iniciado em 2019.

Se uma perspectiva de mudança desse cenário no curto prazo é muito pequena, o QuintoAndar quer pelo menos tornar a experiência de comprar ou alugar um imóvel um pouco mais agradável e inclusiva. Nesse sentido, o unicórnio brasileiro está começando a levar para seus produtos e serviços aspectos de inclusão e diversidade, que já fazem parte da rotina interna da empresa desde 2019.

"Um grande lema do QuintoAndar é que as pessoas amem o lugar que elas moram. Então, a gente quer que qualquer pessoa de um grupo minorizado, ao utilizar nossos produtos, elas se identifiquem, não encontrem dificuldades", disse à DINHEIRO Ana Pellegrini, vice-presidente de jurídica, de diversidade e inclusão do QuintoAndar.

DIVERSIDADE CORPORATIVA
Ana Pellegrini, vice-presidente de diviersidade e inclusão foi uma das responsáveis por institucionalizar os grupos de minorias criados em 2019

Depois de implementar o uso do nome social, antes mesmo da obrigatoriedade legal, uma das iniciativas da empresa é viabilizar o atendimento da plataforma para pessoas com deficiência visual e auditiva. Pense na dificuldade de um cego em escolher um lugar para morar!

DENTRO DE CASA O olhar para fora reflete o que o QuintoAndar tem feito internamente nos últimos anos. Em 2019, começaram a surgir os primeiros grupos de afinidade, organizados pelos próprios funcionários que se juntaram para falar sobre quatro temas principais, voltados para pessoas negras (Empretecer), LGBTQIAP+ (Orgulhar), mulheres (Equalizar) e pessoas com deficiência (Acessibilizar). Contudo, a institucionalização dos assuntos ocorreu apenas no início de 2021,

QuintoAndar sobe de patamar em ESG

45%

É O PERCENTUAL DE MULHERES EM CARGOS DE LIDERANÇA QUE O QUINTOANDAR PRETENDE ALCANÇAR ATÉ 2025

LADO DE FORA
Empresa está levando práticas de inclusão e diversidade para seus produtos e serviços para gerar impacto da porta para fora

quando uma equipe foi criada na estrutura da empresa para organizar o debate, definindo orçamento e projetos, inclusive, com a criação de um conselho de diversidade e inclusão.

Em 2022, a empresa deu os primeiros passos na realização de um Censo de diversidade, para tentar levantar números e entender quais grupos minorizados existiam dentro da empresa e a representatividade de cada um deles. No ano passado, o QuintoAndar lançou seu primeiro manifesto de diversidade e inclusão, estabelecendo suas metas. Agora, a empresa acaba de apresentar seu primeiro relatório sobre o tema, com dados concretos e as novas metas que pretende alcançar no curto prazo.

No que se refere às mulheres, por exemplo, o QuintoAndar tinha 42% de seus cargos de liderança ocupados com a presença feminina em 2023. Neste ano, o percentual subiu para 43% e a meta é chegar ao fim de 2025 com pelo menos 45%. Entre todos os funcionários, uma parcela de 22% era formada por pessoas negras, indígenas e mestiças. O número passou para os atuais 23% e o objetivo é alcançar 30%. Já o grupo LGBTQIA+ tinha uma representatividade de 13% e passou para 19%, fatia que deve ser mantida nos próximos anos.

"Tivemos esse primeiro momento de amadurecer, de fazer com que todo mundo entendesse a importância, cuidar da casa, dos nossos colaboradores, aumentar a representatividade e agora gerar um impacto para fora", disse a executiva. "Agora, temos dois grandes esforços. O primeiro é trazer mais gente para dentro, ter mais vagas afirmativas, contratar mais PCDs, mais mulheres. O segundo é desenvolver os talentos que já temos aqui de grupos minorizados. Se do lado de dentro da casa do QuintoAndar os temas de inclusão e diversidade já caminham pelas próprias pernas, o plano agora é gerar impacto em quem está do lado de fora. "Acredito que o QuintoAndar pode influenciar muito o mercado imobiliário, porque hoje somos um grande marketplace. Temos um potencial de impacto gigante, considerando as imobiliárias que fazem parte da nossa rede e os corretores que se associam a nós para fazer suas vendas", disse Ana.

SONY APRESENTA O **NOVO PS5 PRO**

O PlayStation apresentou o PS5 Pro, com especificações aprimoradas, GPU maior e 67% mais poderosa, Wi-Fi 7 e suporte para a tecnologia de upscaling (otimização de vídeo) orientada por IA da Sony. Sem leitor de disco, também tem recursos como Game Boost para melhorar o desempenho de jogos PS4 ou PS5 suportados. O preço sugerido nos EUA é de US$ 699,99. Será lançado dia 7 de novembro.

AMAZON ENTREGA POR **BONDE EM FRANKFURT**

A Amazon anunciou um novo serviço piloto de entrega de pacotes em Frankfurt (ALE), que combina transporte rodoviário e ferroviário elétrico. As vans da gigante do e-commerce levam pacotes até o primeiro ponto de bonde nos arredores da cidade alemã. A ideia é aliviar o tráfego ferroviário, com trajeto de última milha de entregas entre a periferia e o centro, com bondes de cargas exclusivos.

5G CHEGA A 5 MIL CIDADES

Desde o dia 2 de setembro, 5.002 cidades do Brasil estão aptas a receber a faixa de 3,5 GHz para uso da tecnologia 5G. A Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel) liberou o licenciamento e ativação de estações standalone (5G puro) em mais 194 municípios. As redes estão sendo instaladas nessas cidades gradativamente, a partir do planejamento individual de cada prestadora que arrematou os lotes do leilão das faixas, que vai completar 3 anos de suas realização em novembro.

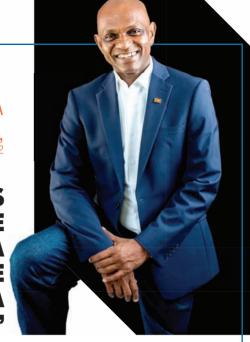
5.002 municípios liberados para utilização do 5G

201,7 milhões de brasileiros vivem nessas cidades

94,5% da população do Brasil está apta a receber a tecnologia

SANJIVA WEERAWARANA,

fundador e CEO da WSO2

"PROJETAMOS UM AUMENTO DE 15% DA RECEITA NO BRASIL, QUE LIDERA NA AMÉRICA LATINA"

Executivo comanda empresa global fundada no Sri Lanka, que oferece software e soluções em nuvem para desenvolvimento de aplicativos e gerenciamento de identidade e acesso. Tem mais de 800 clientes em 80 países. Em sua passagem pelo Brasil, em setembro, Sanjiva Weerawarana falou à coluna sobre os planos da companhia, que pretende atingir US$ 100 milhões em receita recorrente anual até o terceiro trimestre deste ano. Recentemente, foi adquirida pela gigante de private equity EQT. Com isso, recebeu um investimento de US$ 600 milhões para aumentar a sua presença na indústria. A WSO2 está no Brasil há 10 anos. O País é um dos mercados mais importantes para a empresa.

Qual o principal diferencial da companhia?
Consideramos nossa capacidade tecnológica e consultiva como nossos principais diferenciais. Nossas soluções são tecnologicamente agnósticas, o que significa que podem ser utilizadas em todas as áreas. Nossas soluções são baseadas em dois conceitos principais: código aberto e Platformless, uma nova abordagem à engenharia de software empresarial que visa simplificar o desenvolvimento, implementação e gestão de aplicações.

Quais as linhas de crescimento neste momento?
A nossa tecnologia atua nos bastidores de outras tecnologias, então nossa área é muito ampla e em constante crescimento. As APIs [interface de programação de aplicativos] têm sido a base da WSO2 desde a sua fundação. Em quase 20 anos de experiência, nós alavancamos nosso negócio com outras soluções, claro. Outro segmento muito importante é o de Gerenciamento de Identidade e Acesso de Clientes [ou CIAM, na sigla em Inglês]. As prioridades para os próximos três a cinco anos envolvem inovação de produto e expansão da presença global.

Qual a importância do Brasil para a empresa?
O Brasil é um mercado muito importante para o WSO2 há vários anos, principalmente devido ao crescimento da sua transformação digital. As empresas privadas e públicas aumentaram significativamente os seus investimentos em tecnologia para se tornarem mais resilientes ou para se adaptarem às exigências do mercado. O Brasil está liderando a região da América Latina nesse aspecto, à medida que vemos cada vez mais organizações dando passos mais rápidos e constantes em suas jornadas digitais. Isto é importante para criar um ecossistema digital forte, no qual as empresas possam prosperar e os clientes consigam aproveitar ao máximo os benefícios desse cenário.

No plano de expansão após ser adquirida pela EQT, o podemos esperar para o Brasil?
Em 2024, pretendemos atingir US$ 100 milhões em receitas recorrentes anuais (ARR) e abrir o capital em cinco anos. E a América Latina representa uma oportunidade significativa de crescimento, responsável por 10% da receita da empresa. A região tem apresentado um crescimento significativo, aumentando o número de clientes em 35% nos últimos dois anos. Para 2024, projetamos um aumento de 15% da receita no Brasil.

Com o lançamento de novos iPhones e promessas de Inteligência Artificial, a gigante americana corre atrás das concorrentes, mas perde valor de mercado

Aline ALMEIDA

Demorou mais do que as principais concorrentes, mas a Apple entrou definitivamente na era da Inteligência Artificial. Seguindo sua tradição anual, a compahia revelou as novidades de 2024 em vultuoso evento chamado "*It's Glowtime*" (É hora do brilho), no dia 9 de setembro, direto de sua sede em Cupertino, na Califórnia (EUA). O CEO, Tim Cook, abriu o evento dizendo que estava animado para apresentar o primeiro iPhone projetado do zero para o Apple Intelligence, a plataforma de IA da maçã. No entanto, o mercado não ficou tão animado como Cook. A expectativa em torno do iPhone 16, alimentada pela promessa de avanços na tecnologia mais do que emergente feita três meses antes, resultou em frustração tanto para os fãs quanto para investidores.

A empresa, que busca recuperar terreno em IA diante dos rivais, anunciou que muitas das funcionalidades avançadas do Apple Intelligence ainda estão em desenvolvimento e só estarão disponíveis em 2025. Entre as novidades, destacam-se melhorias na Siri, a assistente virtual da

APPLE EMBARC

RECURSO DE IA NOS IPHONES 16

Os iPhones 16 e 16 Plus vêm com o botão de ação personalizado e um novo botão tátil para a câmera, que facilita a captura de fotos e vídeos e a navegação pela interface. Eles oferecem maior desempenho e novas funcionalidades de IA. Estão disponíveis em preto, branco, rosa, verde-acinzentado e ultramarino, com preços no Brasil a partir de R$ 7.799 para o iPhone 16 de 128 GB e de R$ 9.499 para o 16 Plus de 128 GB. Os iPhone 16 Pro e 16 Pro Max apresentam telas maiores, de 6,3 polegadas no Pro e 6,9 no Pro Max. Com uma câmera telefoto de 5x e grande angular de 48 megapixels, os modelos Pro permitem gravação em 4K a 120 fps, incluindo modos cinema e Log. Com o novo chip A18 Pro e acabamento em titânio, os preços variam de R$ 10.499 para o 16 Pro de 128 GB a R$ 12.499 para o Pro Max de 256 GB.

MAIS MÚSICA, MENOS RUÍDO COM AIRPODS 4

O novo modelo de fones de ouvido é equipado com o chip H4 e promete aprimorar a qualidade do áudio e o processamento de ruídos externos. Segundo a Apple, o design do foi aprimorado para oferecer maior conforto. Existem duas versões: uma com cancelamento de ruído ativo (ANC) e outra sem. Ambos vêm com cabo USB-C. No Brasil, o modelo sem ANC estará disponível por R$ 1.499, enquanto a versão com ANC custará R$ 1.999.

FOTOS: DIVULGAÇÃO

companhia, e uma ferramenta para criar emojis personalizados a partir de texto. Já com o lançamento do iPhone 16 e 16 Pro — disponíveis em novas cores e com um botão ajustável para a câmera — a Apple espera que os consumidores adquiram modelos mais recentes para aproveitar ao máximo os novos recursos, embora grande parte da tecnologia ainda não esteja pronta para uso imediato, o que pode impactar negativamente as vendas, que já não estão em ascensão. No terceiro trimestre fiscal encerrado em 29 de julho, a receita do iPhone caiu 1% em relação ao mesmo período do ano passado, para US$ 39,3 bilhões. Durante o evento, as ações da empresa caíram de US$ 220,72 para US$ 216,72, uma perda de US$ 60 bilhões no valor de mercado.

INTELIGÊNCIA A integração da IA generativa é o principal destaque da nova linha de iPhones. Entre os novos recursos estão geradores de imagens, integração da Siri com o ChatGPT, editores inteligentes para fotos e textos, resumo de mensagens e e-mails, além de leitura inteligente da tela por comandos de voz. O desempenho da IA será suportado pelos novos chips Apple Silicon A18, com a versão A18 Pro dedicada aos modelos 16 Pro e 16 Pro Max. Tudo será atualizado aos poucos nos aparelhos dos consumidores que comprarem os novos modelos.

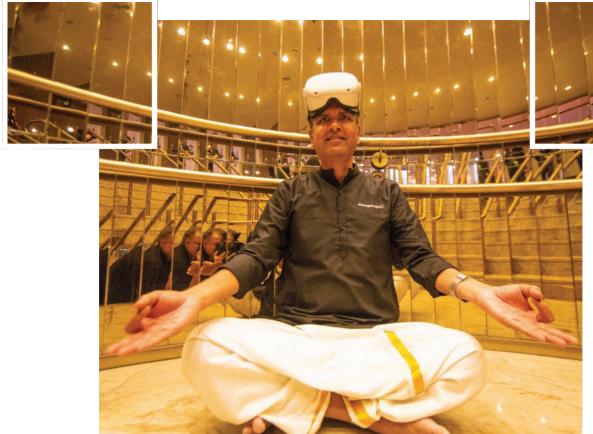
Segundo Greg Joswiak, vice-presidente sênior de marketing global da Apple, com o chip "mais rápido e eficiente" e otimizado para o Apple Intelligence, os iPhones 16 Pro e 16 Pro Max "são os mais avançados" que a empresa já produziu. Ele destacou que os clientes terão telas maiores, sistemas de câmeras aprimorados, gravação em 4K Dolby Vision a 120 qps, além de bateria de longa duração. Os dispositivos também terão mais memória RAM para operar os novos recursos de IA e uma novidade: o botão capacitivo integrado à câmera, permitindo comandos simplificados por toques personalizados. S

A NA ERA DA IA

MAIS BRILHO NO APPLE WATCH SERIES 10

O Apple Watch Series 10 agora possui uma tela maior e mais brilhante, com até 2.000 nits, melhorando a visualização de qualquer ângulo. O desempenho é otimizado pelo novo chip Apple S10. Entre os avanços em saúde, o relógio pode detectar apneia do sono com seus sensores avançados e conta com um novo sensor de temperatura da água, útil durante treinos de natação. Disponível nas cores preto, ouro rosê e alumínio prateado, além de opções em titânio Grau 5, o dispositivo chega ao Brasil a partir de R$ 5.499. Além disso, o Apple Watch Ultra 2 agora vem na nova cor preto acetinado e apresenta uma nova pulseira Milanese Loop, inspirada na malha de aço utilizada por mergulhadores. A pulseira estará disponível nas cores natural e preta. O modelo de titânio preto do Apple Watch Ultra 2 custará R$ 10.499.

NOVAS CORES DO AIRPODS MAX

Os novos AirPods Max mantêm as mesmas especificações do modelo anterior, mas agora incluem uma porta USB-C. Eles também chegam em novas cores: meia-noite (preto), azul, roxo, laranja e estelar (creme). Com a atualização para o iOS 18, os AirPods Max passarão a oferecer suporte ao áudio espacial personalizado. No Brasil, os novos modelos estarão disponíveis por R$ 6.590.

GESTÃO COM POSTURA
Rajesh Ganesan lidera a estratégia de expansão da empresa no Brasil, onde tem investido forte desde 2020

MANAGEENGINE MEDITA E INVESTE NO BRASIL

Empresa de gerenciamento de TI fortalece presença no País e mira alcançar faturamento de US$ 1 bilhão em dois anos

Letícia FRANCO

 FOTO: CLAUDIO GATTI

Os planos da Zoho Corp, multinacional indiana de software, para expandir seus negócios enfrentar grandes players, como SAP e Totvs, contam como uma peça-chave: a ManageEngine, divisão de gerenciamento de TI corporativo da companhia. Só em 2023, a empresa foi responsável por cerca de 60% da receita global da Zoho, de US$ 1,1 bilhão. Agora, a meta é que a divisão alcance sozinha o faturamento de US$ 1 bilhão até 2026. Para isso, assim como a Zoho, a ManageEngine investe no mercado brasileiro, o maior da América Latina, para crescer, o qual registra aumento ano a ano de 45%, acima da média global. "A alta demanda por produtos de gerenciamento no Brasil é a nossa oportunidade", disse à DINHEIRO o indiano Rajesh Ganesan, presidente da ManageEngine.

Apesar de operar no Brasil desde 2005 por meio da revenda de produtos realizada por parceiros locais, a ManageEngine passou a ter sua própria equipe somente em 2019. Com apetite para ganhar o mercado, inaugurou o primeiro escritório no País em 2023. Localizado em São Paulo, o local abriga um centro de treinamento e capacitação que visa atender às necessidades dos seus parceiros em todo País, sobretudo nesse momento de expansão do programa de canais da empresa. "Nos últimos anos, aumentamos nosso foco na América Latina, especialmente no Brasil. Queremos construir uma presença forte por aqui", afirmou o executivo.

Com a operação local, agora, um dos principais vieses de crescimento da divisão liderada por Ganesan no Brasil são os produtos de cibersegurança para as empresas nacionais. Isso porque o País registra grandes números de ameaças hackers. Em 2023, o Brasil sofreu 60 bilhões de tentativas de ataques cibernéticos, de acordo com dados do FortiGuard Labs, laboratório de inteligência e análise de ameaças da Fortinet. No total, a região da América Latina e o Caribe sofreu 200 bilhões de tentativas de ataques em 2023, 14,5% do total reportado globalmente no ano passado. Os países da região com maior atividade de ataques cibernéticos em 2023 foram México, Brasil e Colômbia.

30%
DE CRESCIMENTO TANTO EM NÚMERO DE CLIENTES QUANTO DE RECEITA É A META DA EMPRESA NESTE ANO

CRESCIMENTO Os planos da empresa são claros. Neste ano, a ManageEngine estabeleceu uma meta de crescimento de 30% tanto para clientes quanto para receita no Brasil. O País é o mercado líder na América Latina em receita e ocupa o 10º lugar globalmente. Além disso, 24% dos clientes na América Latina são do Brasil, segundo o executivo. Ganesan, que está há mais de 20 anos na Zoho Corp, desenvolvendo produtos para gerenciamento de redes e segurança de TI, afirmou que o Brasil é um dos mercados que mais avança em termos de adoção de tecnologia pelo Estado e pelas empresas. "O mundo todo avançou em tecnologia por conta da pandemia. No Brasil, observo novidades muito boas, principalmente no mercado financeiro, como o surgimento do Pix. Há um bom nível de conscientização e também de adoção", disse. Além disso, outro aspecto destacado pelo presidente da ManageEngine é a implementação da Inteligência Artificial no País. Segundo ele, tanto por parte das empresas quanto pelo governo. Com foco nos produtos de cibersegurança, o executivo ressaltou que a IA pode trazer riscos e, sendo assim, se faz necessário usá-la como aliada.

> "A ALTA DEMANDA POR PRODUTOS DE GERENCIAMENTO NO BRASIL É A NOSSA OPORTUNIDADE. NOS ÚLTIMOS ANOS, AUMENTAMOS NOSSO FOCO NA AMÉRICA LATINA"
>
> **RAJESH GANESAN**, PRESIDENTE DA MANAGEENGINE

24%
DOS CLIENTES DA COMPANHIA NA AMÉRICA LATINA ESTÃO ESTABELECIDOS NO BRASIL, SEGUNDO O PRESIDENTE

Há 22 anos no mercado, a ManageEngine contempla mais de 60 produtos de software em seu portfólio, desde instalações até a nuvem. Antes de iniciar sua jornada no Brasil, a empresa estabeleceu suas principais operações nos Estados Unidos e na Europa nos primeiros dez anos, fora a Índia. Depois, expandiu para todo o mundo e, hoje, também está presente nos Emirados Árabes Unidos, Cingapura e em outros países da América Latina, como a Colômbia. A companhia atende uma ampla gama de empresas, com MSP (Managed Service Provider, ou provedor de serviços gerenciados) e MSSO (provedor de serviços gerenciados de segurança). Isso inclui empresas emergentes e estabelecidas, entre elas, nove em cada dez organizações Fortune 100 – 100 maiores empresas segundo a revista Fortune – contam com as ferramentas de TI em tempo real da ManageEngine para garantir o desempenho de toda infraestrutura, incluindo redes, servidores, aplicativos e dispositivos.

POR LETÍCIA FRANCO

NOS ALPES FRANCESES

EXPERIÊNCIA FOUR SEASONS INSPIRADA EM "EMILY EM PARIS"

O Four Seasons Hotel Megève e o Les Chalets du Mont d'Arbois apresentam uma experiência nos Alpes Franceses, com uma noite na exclusiva Suíte Idéal, localizada a 1.850 metros de altura, acima do renomado restaurante Idéal 1850, famoso pela cozinha, pela vista do maciço do Mont Blanc, pela carta de vinhos sortida com Barons de Rotschild e pela decoração Giorgio Armani. A programação, que acontecerá entre dezembro de 2024 e março de 2025, foi desenvolvida a partir da série da Netflix *Emily em Paris*, recriando momentos da protagonista durante sua fuga para Megève. Além da vista para o Mont Blanc e a Cordilheira dos Aravis, a experiência na Suíte Idéal inclui serviço personalizado de mordomo, café da manhã gourmet, um jantar com gastronomia regional harmonizado com vinhos franceses no restaurante Idéal e muito esqui. Localizado acima do vilarejo de Megève, o Four Seasons Hotel Megève tem acesso direto às pistas de esqui. Aninhado entre picos cobertos de neve e florestas de pinheiros, o hotel, com 55 quartos e suítes, destaca-se pelo luxo contemporâneo em meio à serena paisagem alpina. Já a estadia de três noites para um casal na suíte Idéal sai a partir de 7 mil euros. Maiores informações podem ser obtidas em fourseasons.com/megeve/offers/a-night-above-the-clouds.

 | FOTOS: SYLVAIN BOUZAT | RICHARD WAITE | FELIXCAM | DIVULGAÇÃO

RELÓGIO

IWC LANÇA PORTOFINO CRONÓGRAFO 39

A IWC Schaffhausen apresenta o Portofino Cronógrafo 39 (IW391503), com a expectativa de tornar-se um best-seller da marca de luxo suíça. Compacto e fácil de usar, o relógio combina uma caixa em aço inoxidável com um mostrador prateado e ponteiros banhados a ródio, além de uma complicação de cronógrafo esportivo. Também é possível substituir a pulseira por outra opção, pois o relógio está equipado com um sistema de troca rápida de pulseiras, o que torna o acessório adaptável a diferentes ocasiões de uso. Avaliado em R$ 47,6 mil, o relógio pode ser encontrado no site iwc.com.br.

PARA TODAS AS ESTAÇÕES

A NOVA CORTINA **DUETTE VERTIGLIDE**

Funcionalidade e design sofisticado. Essa é a proposta da cortina Duette Vertiglide, da Hunter Douglas. A peça é apropriada para conforto térmico com tecnologia própria. Nos dias quentes, a estrutura reduz a entrada do calor pelas janelas em até 80%. Já nos frios, retém o calor no ambiente, diminuindo sua perda pelas janelas em até 40%. Além disso, uma estrutura de bolsões de ar também promove conforto acústico. A cortina está disponível por meio das revendas, que podem ser conferidas no site hunterdouglas.com.br. Os valores variam de acordo com as especificações de cada pedido.

BOLSA FEMININA

SUAVIDADE ATEMPORAL DA **FENDI PEEKABOO**

Mesmo 15 anos depois do lançamento da bolsa Fendi Peekaboo, ela permanece cobiçada ao redor do mundo, sendo uma das peças mais famosas da Fendi. Reforçando seu caráter atemporal, a maison italiana lança uma versão intitulada Peekaboo Soft. O toque natural do couro de alta qualidade é intensificado pela usabilidade reconfigurada da peça, que mantém o design trapezoidal com uma construção suave e nova alça alongada e fixa, porém, ajustável. A Peekaboo Soft está disponível nos tamanhos médio e grande, com valor a partir de R$ 35 mil.

TRADIÇÃO BICENTENÁRIA

LEGADO DA MACALLAN EM **DOIS WHISKIES**

Para celebrar o seu 200º aniversário, a destilaria escocesa The Macallan lança uma série especial. A Time: Space Collection traz dois rótulos de edição limitada. No detalhe, o Time: Space terá apenas 200 unidades. Trata-se de um recipiente de câmara dupla que inclui o whisky mais antigo lançado pela marca — uma safra de 1940. Além disso, a casa também apresenta um single malt exclusivo intitulado Time: Space Mastery, o primeiro da nova destilaria da Macallan, com camadas de complexidade que abarcam a tradição bicentenária. Os valores estão sob consulta com a marca ou em distribuidores locais.

EM NOME DO LUXO NO ESPÍRITO SANTO

Empreendimento capixaba, com apartamentos de R$ 2,8 milhões e VGV de R$ 1,4 bilhão, mostra que o mercado de imóveis de alto padrão está transbordando para fora do eixo Rio-SP

Jaqueline MENDES

FOTOS: DIVULGAÇÃO

DESIGN BIOFÍLICO
São mais de 21 mil metros quadrados de área de lazer e apartamentos projetados com design contemporâneo e que integra elementos naturais nos ambientes construídos

Nem só de São Paulo e Rio de Janeiro vive o mercado de imóveis de luxo. O Taj Home Resort, o maior edifício do Espírito Santo, está atraindo investimentos milionários em uma praça historicamente carente de empreendimentos de alto padrão. O projeto que está sendo construído no Jockey de Itaparica, Vila Velha, sob a responsabilidade da Grand Construtora, está com a entrega programada para novembro de 2026. Considerada a maior obra residencial da história do Estado, o Taj já acumula um Valor Geral de Vendas (VGV) estimado em R$ 1,4 bilhão e quase metade (49,7%) dos apartamentos já foram vendidos. Segundo a empresa, 45,5% das unidades foram adquiridas por investidores de fora do estado e até mesmo do exterior, com destaque para compradores de Minas Gerais (15%) e dos Estados Unidos (17%). Os preços variam na casa de R$ 2,8 milhões.

Para Rodrigo Barbosa, diretor-presidente da Grand Construtora, os mineiros sempre tiveram uma forte conexão com o Espírito Santo, conhecido carinhosamente como o "litoral dos mineiros" e um destino preferido durante as férias. "O Taj Home Resort reflete perfeitamente esse vínculo, oferecendo um refúgio de luxo e exclusividade que combina o conforto de um design contemporâneo com a tranquilidade proporcionada pelo nosso design biofílico", disse o executivo. "As características únicas do nosso empreendimento, aliadas às facilidades de lazer e à beleza natural do Espírito Santo, justificam o crescente interesse dos mineiros por esse projeto", afirmou.

O Taj Home Resort é um empreendimento que redefine o conceito de luxo e exclusividade. O conjunto é formado por duas torres de 25 e 50 andares. Com mais de 21 mil metros quadrados de áreas de lazer, o projeto oferece uma variedade de facilidades, incluindo piscinas, spas, academias, um Beach Club exclusivo, restaurantes e outros serviços. Os apartamentos, com três ou quatro suítes, são projetados com design contemporâneo, alto padrão de conforto e sofisticação. O condomínio oferece quadras poliesportivas, de tênis e squash, academia, brinquedoteca, adega, piscina de mil metros quadrados, piscina indoor aquecida, beach tennis, sala de massagem privativa e um spa com sauna úmida e seca.

Além disso, o empreendimento utiliza o design biofílico, uma abordagem que integra elementos naturais nos ambientes construídos para melhorar o bem-estar humano. Isso inclui o uso de luz natural, plantas, água, materiais naturais e vistas para a natureza, criando conexões visuais e sensoriais com o ambiente natural. Além de proporcionar um espaço esteticamente agradável, promove benefícios psicológicos e fisiológicos, como a redução do estresse e o aumento da produtividade.

POTENCIAL O mercado de imóveis de alto padrão no Brasil apresenta um potencial de crescimento significativo, impulsionado pela expansão do crédito, redução da taxa básica de juros e estabilização do desemprego, fatores que contribuem para o aumento da renda média dos brasileiros. Com essas condições macroeconômicas favoráveis, a demanda por imóveis de luxo tende a crescer, refletindo a valorização do mercado imobiliário de alto padrão. De acordo com dados da Associação Brasileira de Incorporadoras Imobiliárias (Abrainc) e da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe), o segmento de Médio e Alto Padrão (MAP) registrou um aumento de 22,8% nas vendas em 2023, consolidando essa tendência.

O interesse por esse padrão de imóvel pode ser atribuído tanto a investidores quanto a consumidores finais que buscam exclusividade e uma melhor qualidade de vida. Muitos desses compradores já possuem um ou mais imóveis e estão à procura de novas aquisições para investimento ou lazer, reforçando o potencial de crescimento contínuo desse mercado. "O Espírito Santo tem um enorme potencial para o mercado imobiliário de luxo, e Vila Velha se destaca como uma joia dentro desse cenário. Nós temos orgulho de contribuir para o desenvolvimento dessa região, trazendo projetos que não só atendem aos mais altos padrões de qualidade, mas também oferecem uma experiência de vida diferenciada para nossos clientes", acrescentou Barbosa.

RISCO DE RECESSÃO COM INFLAÇÃO NOS ESTADOS UNIDOS AINDA ESTÁ NA MESA. É SÓ OLHAR OS SINAIS NO HORIZONTE

JAMIE DIMON
CEO do JPMorgan

+0,63%

Foi o patamar atingido pelo Índice Nacional da Construção Civil (Sinapi), em agosto, taxa 0,23 ponto percentual acima dos 0,40% de julho, informou na terça-feira (10) o IBGE. Essa é a taxa mais alta desde agosto de 2022. Em 12 meses, os preços da construção subiram 3,12%, resultado acima dos 2,66% registrados nos doze meses até julho.

R$

1 trilhão É o volume total de recursos dos brasileiros aplicados na caderneta de poupança em agosto, informou o BC. O número é resultado dos R$ 351,76 bilhões aplicados e dos R$ 352,16 bilhões sacados no mês.

US$

2,8 trilhões Foi a marca atingida no volume de negociações de bitcoin nos primeiros oito meses de 2024 no mundo, superando o recorde firmado no ciclo de alta de 2021. Os dados foram divulgados pela empresa de análise Kaiko.

– 4%

Foi quanto o petróleo recuou na terça-feira (10) após o relatório da Opep indicar queda na demanda de alguns países, especialmente da China. O WTI para outubro caiu 4,31% a US$ 65,75 o barril — menor nível desde março de 2023. Já o Brent para novembro, caiu 3,69% a US$ 69,19, o menor nível desde dezembro de 2021.

CRIPTOS

O Nubank anunciou na terça-feira (10) o encerramento da funcionalidade de compra e venda da sua criptomoeda Nucoin, lançada há um ano e meio. As transações serão interrompidas em definitivo dentro de 15 dias, mas a empresa alertou clientes que negociações já começaram a ser suspensas imediatamente, "para proteger você e todos participantes de eventuais volatilidades no valor de mercado das Nucoins". Quem tem saldo de pelo menos R$ 100 em Nucoin poderá trocá-lo por Bitcoin ou por "dólar digital". Agora, o ativo será usado apenas para resgate de benefícios do banco digital.

 FOTO: MICHEL EULER/GETTY IMAGES

NORBERTO ZAIET
É ECONOMISTA, EX-CEO DO BANCO PINE E FUNDADOR DA PICEA VALUE INVESTORS, EM NOVA YORK

MILEI: "EL LOCO", PERO NO MUCHO

Nos anos 1990, viajava a Buenos Aires pelo menos duas vezes ao mês. Era uma experiência e tanto, a cidade exalava prosperidade. À época, a Constituição argentina estabelecia que cada peso circulando na economia era conversível em dólares à paridade fixa de 1 por 1. Ou seja, por lei, cada peso valia um dólar. O presidente argentino era Carlos Menem. Seu ministro da economia, um sujeito extremamente inteligente, com doutorado em Harvard, havia sido presidente do Banco Central num período bastante turbulento, logo após o término da guerra das Malvinas contra o Reino Unido – seu nome era Domingo Cavallo.

Menem e Cavallo implementaram um plano econômico que envolveu a privatização em massa de ativos estatais, viabilizando uma entrada significativa de reservas internacionais que deram respaldo financeiro à convertibilidade estabelecida em lei. A inflação foi dizimada. Em certa medida, Fernando Henrique Cardoso viria a fazer algo semelhante – e muito melhor – no Brasil, após o desastre econômico e afastamento de Fernando Collor. Como se sabe, o conceito da convertibilidade acabou mal: quando não havia mais reservas suficientes para manter a paridade, ela se rompeu – e levou com ela a economia argentina. Cavallo ficou famoso ao garantir que "os especuladores serão punidos". Na verdade, os maiores punidos foram mesmo os argentinos.

A comunidade financeira internacional parou de acompanhar o que acontecia no país depois de algum tempo. Um default atrás do outro, déficits crescentes, acordos não cumpridos com o FMI e tudo o mais tornaram o país "ininvestível". Eis que chega 2024, e Javier Milei assume a Presidência. Apelidado nos anos escolares de "El Loco", é um economista que se rotula anarcocapitalista. Adepto dos ideais libertários, fez campanha carregando uma serra elétrica como símbolo do governo que faria: cortaria na carne os excessos do governo.

Milei acredita que a inflação é essencialmente um fenômeno monetário, e a inflação argentina certamente é. Para acabar com ela é necessário que o governo tenha déficit zero e que a dívida pública pare de crescer. Sem emissão monetária para financiar gastos do governo, a inflação desaparece. Radical na implementação de seu plano, Milei cortou fundo logo no início. Em poucos meses, o resultado começa a aparecer: a inflação baixou, o governo começa a produzir superávits fiscais e a confiança está aumentando. Os jornais noticiaram nos últimos dias que os argentinos estão tirando os dólares escondidos debaixo do colchão e depositando-os nos bancos, num sinal claro de que o sistema voltou a funcionar.

> **"O sistema voltou a funcionar. O objetivo final do presidente é dolarizar a economia argentina. Mas isso significa perder o controle da política monetária. Diminui as ferramentas contra crises"**

Seu objetivo final é dolarizar a economia argentina. Aí é onde, a meu ver, "El Loco" começa a fazer jus ao seu apelido. Dolarizar a economia é perder o controle da política monetária. Isso diminui as ferramentas com as quais um governo pode contar para enfrentar crises. É perder controle sobre algo importante, sem receber nada muito significativo em troca. Como para dolarizar a economia é necessário haver dólares suficientes para substituir a moeda em circulação, a coisa ainda está muito longe de acontecer. Nesse meio tempo, suas políticas de austeridade e diminuição do tamanho do governo começam a atrair, novamente, a comunidade internacional. O ETF (*Exchange Trade Fund*) que representa a economia argentina, ARGT, teve valorização significativa desde sua eleição e continua em tendência de alta. Ao que parece, a Argentina vai surfar com vento a favor a onda do corte de juros norte-americanos que vem por aí. Ao contrário disso, ao que parece, um irmão vizinho e bem maior também vai surfar, só que com a prancha virada para o lado errado.

POR **VITORIA SADDI***

QUEDA DE JUROS NOS EUA E IMPACTO NAS MOEDAS

Discurso de Jerome Powell em agosto teve impacto distinto nas diferentes divisas

Desde o discurso de Jerome Powell, presidente do Fed, em Jackson Hole, em 23 de agosto, houve uma significativa mudança nas configurações das principais moedas do mundo. O tom enfático e conclusivo de Powell sobre a certeza de queda de juros na próxima reunião do Fed deixou os analistas debatendo apenas o montante do corte. No dia 6, o dado da folha de pagamento nos EUA veio ligeiramente acima do esperado e ainda assim o mercado mudou muito pouco. O anúncio do corte de juros levou a uma queda (ou desvalorização) do dólar frente às principais moedas. As principais divisas (euro, libra, iene, franco suíço, dólar canadense e dólar australiano) se apreciaram frente ao dólar, em diferentes graus conforme o país. As moedas de países emergentes, no entanto registraram quedas (ou depreciação) frente ao dólar. O peso mexicano, o peso chileno, o peso colombiano e o real no Brasil se desvalorizaram frente ao dólar. A razão de tal movimento pode estar ligada à piora fiscal desses países. Todos possuem um déficit nominal como proporção do PIB entre 2,5% a 8% e a razão dívida/PIB está sempre acima de 50%, podendo chegar a 88%, no caso da Argentina.

Em geral, a queda de juros nos Estados Unidos é um fator determinante e relevante que pode levar à entrada de dinheiro no Brasil (e demais países da América do Sul). No entanto, se considerarmos o lado fiscal, percebemos que todos os países mencionados apresentam uma deterioração das contas públicas. Assim, temos o Brasil com um déficit nominal (como % do PIB) de 7,3%, seguido do México com 5,6%, Colômbia com 4%, Chile com 2,5% e Argentina com 2,4%.

A deterioração fiscal que ocorre quando há um aumento dos déficits orçamentários ou uma elevação da dívida pública de um país pode levar à saída de capital do país devido a cinco fatores. Primeiro, a piora fiscal pode levar ao aumento do risco-país pois quando o governo passa a ter dificuldades em gerenciar suas finanças, isso eleva a percepção de risco entre investidores. Um país com alta dívida ou déficits crescentes é visto como menos capaz de honrar seus compromissos futuros, incluindo o pagamento de juros e o principal de suas dívidas. Isso pode fazer com que investidores retirem seus investimentos do país, buscando mercados considerados mais seguros. O segundo fator é relacionado a uma possível elevação das taxas de juros. De fato, para financiar déficits maiores, os governos podem precisar emitir mais dívida. Isso, por sua vez, pode levar a um aumento nas taxas de juros para atrair compradores para esses títulos. No entanto, taxas de juros mais altas também podem desencorajar o investimento empresarial e o consumo, prejudicando o crescimento econômico. Além disso, se as taxas de juros internacionais estiverem mais atrativas, os investidores podem preferir investir em outros mercados. O terceiro fator é uma eventual desvalorização cambial. Uma situação fiscal precária pode levar a uma desvalorização da moeda local. Com o aumento do risco, os investidores podem decidir converter seus investimentos de volta para moedas mais fortes, pressionando ainda mais a moeda local. Essa desvalorização torna os investimentos no país menos atraentes para investidores estrangeiros, acelerando a saída de capital. Um quarto fator é ligado às reações *self fullfilling* do mercado. Este reage não apenas aos fundamentos econômicos, mas também às expectativas. Se os investidores antecipam que a situação fiscal de um país pode piorar, eles podem decidir retirar seus investimentos preventivamente, levando a uma saída de capital antes mesmo que a situação fiscal se deteriore de fato. Por fim, um quinto fator é devido ao impacto na confiança. A deterioração fiscal pode afetar negativamente a confiança tanto de investidores internos quanto externos. Isso inclui desde grandes instituições financeiras até investidores individuais, que podem ver seus ativos desvalorizados se a situação fiscal do país continuar a piorar.

Portanto, uma deterioração fiscal pode desencadear uma série de reações que levam à saída de capital, com impactos significativos sobre a estabilidade financeira e o crescimento econômico de um país. A queda de juros nos Estados Unidos ocorre num momento de piora fiscal nos países da América do Sul. A questão que apenas o tempo dirá é se haverá entrada de capital nestes países, apesar da piora fiscal, ou se tal fator irá desencorajar o influxo de capitais internacionais nos países da região.

**VITORIA SADDI é estrategista da SM Futures. Dirigiu a mesa de derivativos do JP Morgan e foi economista-chefe do Roubini Global Economics, Citibank, Salomon Brothers e Queluz Asset, em Londres, Nova York e São Paulo. Também foi professora na California State University, na University of Southern California e no Insper. É PhD em economia pela University of Southern California.*

CNC play

Um único canal, muita informação

Um novo jeito de saber tudo sobre o Sistema CNC-Sesc-Senac

Assista onde quiser a programas exclusivos que vão informar, atualizar e inspirar você.

ASSISTA AQUI

CNC Sesc Senac